



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

THIAGO FERREIRA DE ASSIS

A TERRITORIALIDADE DAS PIXAÇÕES URBANAS

O caso do município de Campina Grande-PB

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

THIAGO FERREIRA DE ASSIS

A TERRITORIALIDADE DAS PIXAÇÕES URBANAS

O caso do município de Campina Grande-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, como requisito para obtenção do título de graduado sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Romeu

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

THIAGO FERREIRA DE ASSIS

A TERRITORIALIDADE DAS PIXAÇÕES URBANAS

O caso do município de Campina Grande-PB

Aprovado em: 16 de Agosto, 2017.

Prof.^a Dr.^a Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá
(Avaliadora Interno)

Prof.^a Dr.^a Angelina Maria Luna Tavares Duarte
(Avaliadora Externa)

Prof. Dr. Thiago Romeu de Souza
(Orientador)

A todos que fazem da Pixação um estilo de vida.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são muitos, mas tentaremos lembrar ao máximo possível.

Em primeiro Lugar meus Pais, Luzinete e Jose do Ramo, que sempre me incentivaram nessa jornada.

Aos meus irmãos, Carina e Henrique que mesmo tão diferentes, contribuíram para que chegasse até aqui.

Aos meus sogros que faziam de tudo, para colaborar com minhas idas e vindas da Universidade.

Em especial, meus agradecimentos a minha Esposa, Raniellen Martins, meu porto seguro nos tempos difíceis até a conclusão de minha monografia, apesar de não concordar com o tema proposto.

Ao corpo acadêmico do Curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, que contribuiu bastante para minha evolução como pesquisador e como ser humano.

Ao meu Orientador, e amigo, professor Thiago Romeu, que de bom grado aceitou o desafio, e foi paciente no desenvolver do trabalho, suas experiências fizeram-me perceber quão gratificante é mergulhar no campo da Pesquisa acadêmica.

Aos amigos Som, Caos, ódio, Cegos, Bibi, MXU, Crail, Lua, Misk e os companheiros dos INSANOS e OS NEGROS que me acolheram no movimento e me ensinaram muito, sobre a essência de seu movimento.

Ao movimento como um todo, pois a pixação foi responsável por essa noção geográfica obtida, e pelo conhecimento de mundo proporcionado por cada amigo que fiz.

À geografia, que me proporcionou viver esses momentos únicos.

A todos, meu muito **Obrigado!**

RESUMO

Nesse trabalho, abordei o tema pixação, uma pesquisa de caráter geográfico, no intuito de compreender a atividade e o indivíduo, como se dá sua apropriação e o significado das transformações na paisagem urbana. Tive como objetivo a identificação dos significados nas transformações das paisagens, a descrição e análise de *points* e “santuários” como geossímbolos, a identificação dos territórios, bem como suas descrições, o processo de apropriação pelos pixadores e, por fim, a associação entre a paisagem transformada e os territórios dos pixadores. Escolhi como caso o município de Campina Grande, durante o final dos anos 1990 e a primeira década dos anos 2000, por perceber que a prática da pixação, nesta época, já existia na cidade e seus principais protagonistas ainda puderam ser encontrados. Os sujeitos da pesquisa foram alguns grupos de pixadores que me direcionaram ao submundo da pixação, na tentativa de compreendê-la. Para melhor compreensão, foi preciso explicar o passo a passo, do que é a pixação e como iniciou-se na cidade a partir de grupos juvenis transgressores, junto aos objetivos da pixação como ferramenta e seu papel de transgredir, iniciei com a ideia de paisagem para explicar as apropriações existentes, e conseqüentemente as mudanças nas chamadas paisagens urbanas. Mais adiante foi necessário aplicar os conceitos de território, na tentativa de explicar os conflitos existentes a partir dos “santuários” que eram territórios repletos de simbologia, por ser um fato histórico, é preciso adentrar a imaginação sobre seus aspectos. Após entrevistas com os próprios pixadores, foi possível mapear os territórios de atuação dos primeiros grupos, levando em consideração suas territorialidades. Consegui antes de entrar em linhas gerais participar de um processo de territorialidade mais atual, nos chamados *points*, território cíclico, funcionais para os pixadores, considerado um local de apropriação e de reuniões, marcadas pela amizade. Por fim, adentrei nos conflitos existentes, na forma prática, nas disputas territoriais que caracterizavam conflitos geográficos explicando nos primeiros capítulos e pude juntar as informações na criação de mapas dessas territorialidades exercidas sobre o espaço urbano.

Palavra chave: transgressão, territorialidade, território, paisagem, apropriação.

ABSTRACT

In this work, we approach the theme pixations, a research of geographic character, in order to understand the activity and the individual, how its appropriation takes place and the meaning of the transformations in the urban landscape. I had as objective to identify the meanings in the transformation of the landscape, the description and analysis of points and "sanctuaries" as geosymbols, the identification of territory as well as their descriptions, the process of appropriation by pixadores and, finally, the association between the landscape transformed and the territories of pixadores. I have as an example the municipality of Campina Grande, during the late 1990s and the first decade of the 2000s, to realize that the practice of pixation, at this time, already existed in the city and its main protagonists still could be found. I used as object of study, some groups of pixadores that directed me to the underworld of the pixation, in the attempt to understand it. For a better understanding, it was necessary to explain the step-by-step, what is the pixation and how it started in the city from juvenile groups transgressors, next to the goals of the pixation as a tool and its role of transgressing, I started with the idea of landscape to explain the existing appropriations, and consequently the changes in the so-called urban landscapes. Later it was necessary to apply the concepts of territory, in an attempt to explain the existing conflicts from the "sanctuaries" that were territories full of symbology, being a historical fact, it is necessary to enter the imagination on its aspects. After interviews with the pixadores, themselves it was possible to map the territories of action of the first groups, taking into account their territorialities. I managed to take part in a process of territoriality more current, in the so-called points, cyclical territory, functional for the pixadores, considered a place of appropriation and of meetings, marked by the friendship. Finally, I entered into the existing conflicts, in the practical form, in the territorial disputes that characterized geographical conflicts explained in the first chapters and I was able to gather the information in the creation of maps of these territorialities exercised over the urban space.

Keyword: transgression, territoriality, territory, landscape, appropriation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A bonita pixação na cidade se espalhou.....	16
Figura 2: Pixação na Av. Noujain Habib, Catolé.....	29
Figura 3: Grupo de mulheres Próximo a Av. Brasília, nas imediações do Shopping.....	32
Figura 4: Abaixo a ditadura, não ao golpe, vote nulo. Centro de Campina Grande.....	35
Figura 5: Lateral do Banco do Brasil, Com a Frase “Pinta com o Juros”.....	36
Figura 6: Muro de condomínio Fechado no bairro de Bodocongó (Segregação Social seu muro representa).....	36
Figura 7: Título da matéria do jornal sobre as pixações no Centro histórico.....	50
Figura 8: Folhinha do <i>Point</i> com símbolos.....	51
Figura 9: Reunião dos Pixadores no <i>Point</i> do Vitrola.....	52
Figura 10: Pixações nas ruas das boninas.....	53
Figura 11: pixações nas portas dos comércios das Boninas.....	54
Figura 12: Pixação a Luz do Dia às Margens do Açude Velho.....	57
Figura 13: "Sopa de Letras" realizada no Monte Santo.....	57
Figura 14: Conflitos entre propagandas e pixação na Av. Brasília.....	62
Figura 15: Cobrindo as propagandas que atropelaram um “role” nas Malvinas.....	64
Figura 16: Pixação "Os negros" sobrepondo outras pixações.....	66
Figura 17: Pedido de desculpas dos “Canibais” ao “Skill”.....	67
Figura 18: Grapixo e Grafite ocupando mesmo espaço. Os conflitos na rede social.....	67

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização dos territórios dos principais grupos de pixação em Campina Grande na primeira década dos anos 2000.....	42
Mapa 2: Localização dos territórios dos grupos de pixação de Campina Grande, em 2016.....	71
Mapa 3: Localização dos territórios dos grupos de pixação de Campina Grande, em 2016.....	72
Mapa 4: Localização dos territórios dos grupos de pixação de Campina Grande, em 2016.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: As gírias.....	17
Quadro 2: Os modelos ou sistemas sociais propostos por J. Levy.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. DA CALIGRAFIA URBANA A PIXAÇÃO HUMANA	11
1.1. Algo que precisamos saber sobre pixação	12
1.2. Algo que precisamos saber sobre território	18
1.3. Territorialidade	19
1.4. Multiterritorialidade /transterritorialidade	19
1.5. A pixação no Brasil.....	20
1.6. Contextos históricos da pixação em Campina Grande	22
1.7. Arte? Código? O que existe por trás da parede pixada?	24
2. AS REUNIÕES, UMA FORMA DE APROPRIAÇÃO TERRITORIAL.....	39
2.1. Santuários.....	40
2.2. As reuniões (Points).....	48
3. “PIXEI SEU MURO NA PARTE DE FORA, NA RUA QUE É NOSSA”	59
3.1. O que é público e o que é privado.....	59
3.2. A disputa territorial entre pixação e propagandas.	61
3.3. Pixadores <i>versus</i> Pixadores, pixação <i>versus</i> grafite.....	65
3.4. A pixação e suas áreas de atuação	68
CONCLUSÕES	75
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS.....	81

INTRODUÇÃO

Para início de atividades, esta introdução visa relatar o caminho trilhado para o trabalho de conclusão de curso intitulado *A pixação e os conflitos urbanos: O caso do município de Campina Grande*. O tema chamou minha atenção pela riqueza de informações encontradas no dia-a-dia. O meu primeiro contato com a pixação foi ainda durante a adolescência quando jovens do bairro se juntavam para praticá-la nos muros das escolas. Por causa disso, acompanhei, por vários anos, as transformações da pixação em Campina Grande, acompanhamento facilitado pelos amigos, vizinhos, e colegas, até meu início na universidade. Portanto, a escolha do tema “Pixação” é de interesse particular. Desde os primeiros períodos acadêmicos, já pensava e almejava utilizar um tema atual e frequente no dia-a-dia das cidades de porte médio e grande do Brasil. A princípio o que me chamou atenção ao analisar esse tema numa perspectiva geográfica foi o fato dele englobar as questões políticas e sociais que transformam o espaço, principalmente as questões que dizem respeito à territorialidade.

O trabalho segue uma linha cronológica levando em consideração os registros dos primeiros grupos de pixação na cidade, em meados dos anos 1990, no caso aos grupos LPE (Loucos Pixadores Escaladores), e OPZ (organização de pixadores do zepa), seguindo até a segunda década dos anos 2000, especificamente ano 2016, um período mais atual, e acompanhando isso, a atuação de outros grupos.

Além dos motivos expostos, outra necessidade em qualquer sociedade (e aspecto relevante deste tema) é o estudo da juventude, seus movimentos sociais, sua formação, seus grupos e ações. A abordagem espacial é também uma necessidade nestes estudos, algo para o qual a Geografia possui ferramentas teórico-metodológicas que podem contribuir. Os conceitos de espaço, região, lugar, território, entre outros, ajudam a esclarecer os problemas da juventude e sociedade na sua dimensão espacial. Escolhi dois desses conceitos. O primeiro é o território, utilizado para a compreensão dos processos de apropriação e desapropriação de determinados espaços por parte dos pixadores. Apropriações territoriais que podem ocorrer de forma pacífica ou não, o conflito, no entanto, sempre existe e é exposto diariamente pelas ruas de Campina Grande. O outro conceito utilizado no trabalho é o de paisagem, aplicado objetivamente para explicar as representações simbólicas a partir da apropriação dos pixadores. São dois conceitos dos

quais lançamos mão para compreender as dimensões práticas e simbólicas da pixação, procurando desvendar seus sentidos, seja seu enfoque de luta, de sensibilidade ou de transgressão.

Como metodologia, utilizei a pesquisa participante, que foi importante para aproximar-me dos grupos, pois meu contato era apenas com alguns membros. A partir da metodologia utilizamos o acompanhamento dos grupos, assim como os registros fotográficos e as entrevistas.

A confiança depositada me proporcionou a participação em algumas importantes reuniões. Conseqüentemente, tive a oportunidade de ajudar em alguns eventos realizados por eles. As redes sociais que os pixadores me disponibilizaram, a partir da inclusão em grupos do *whatsapp* e *facebook*, permitiram-me acompanhar o passo a passo do movimento, e por fim, com a ajuda deles, contribuir para o conhecimento, com uma pesquisa que relata um pouco do cotidiano da pixação em Campina Grande. A entrevista foi um método necessário, pois, percebi que eram muitas informações que podiam ser aproveitadas, principalmente, as que relatavam aos fatores históricos de disputas entre os grupos e particularidades abordadas no trabalho.

As entrevistas também foram utilizadas para identificar algumas características e mensagens que cada grupo tenta passar através de suas escritas. Foram realizadas três entrevistas com líderes de grupos atuantes. O Caos e Som, me receberam em locais escolhidos por eles, o terceiro foi o Cegos, as perguntas foram respondidas por redes sociais (*Facebook*) O critério de escolha foi a forte influência dos respectivos líderes para com seus grupos, e a experiência de participar do movimento desde o início, como no caso de Caos nos anos 1990 junto aos que ingressaram ao movimento poucos anos depois e ainda permanecem. A fotografia foi um método proveitoso, para registrar as paisagens, e mais que isso, para facilitar as descrições para o leitor, o critério de seleção das fotografias foi em conjunto com cada etapa da pesquisa, ou seja, foi necessário pesquisar nas ruas da cidade, paisagens que melhor explicassem os temas propostos.

No decorrer do texto é possível notar um erro ortográfico na palavra pixação escrita com “x” ao invés de “ch” como aplicado nas regras da língua portuguesa. Esse fato ocorre propositalmente, por respeito à prática, tendo em vista que para os pixadores, a grafia é escrita com “x”, como forma de transgressão as regras

O trabalho está dividido em três capítulos. Nestes, tratarei das territorialidades existentes, da preocupação com o mapeamento das áreas de atuação e a desmistificação

dos códigos produzidos nas paisagens modificadas, além da afetividade por locais (re)territorializados pelos diversos grupos, sendo esta última, uma característica forte da pixação.

O capítulo 1 vai abordar os conceitos de território e paisagem. De uma forma geral, do território alguns autores compreendem que derivam outras categorias sendo a multiterritorialidade e a transterritorialidades as que abordaremos aqui. Estes conceitos ajudam a compreender toda a história que envolve a pixação no Brasil, e em especial, a cidade de Campina Grande. Este capítulo termina com análises de paisagens, permitindo a leitura dos códigos produzidos pelos pixadores que têm transformado as paisagens.

O capítulo 2 é marcado pela territorialidade existente entre os grupos de pixação, para isso, são apontados dois segmentos importantes para o desenrolar do trabalho, o primeiro deles são os chamados “santuários” que historicamente serviam como quartéis, locais de reuniões, casa, eram tidos como símbolo máximo de apropriação do grupo, demonstrando uma territorialidade geossimbólica, afetiva e por várias vezes conflituosa. Outro segmento importante são os chamados *points*, que são mais atuais, na pixação, caracterizados como locais de reunião, confraternização e definições dos objetivos dos grupos. Esses lugares são repletos de multiterritorialidades, funcionando como territórios cíclicos, ou seja, que só servem para os grupos enquanto estão em funcionamento.

Por fim, o capítulo três, que considero a parte mais empírica do trabalho, procurei relacionar o conhecimento teórico às vivências dos pixadores e às informações geográficas dos seus grupos, corroborando com alguns autores especialistas no tema. A priori, abrimos um discurso sobre público e privado, na perspectiva de refletir a atuação dos grupos em determinadas localidades e para propor uma reflexão sobre a existência de muros na cidade, uma espécie de “autoproteção” social. Abrimos espaço para relatar os conflitos urbanos como apontados no título do trabalho, sendo eles os conflitos entre pixadores e pintores de propagandas, pixadores e pixadores entre outras disputas que envolvem os sujeitos enfatizados aqui e que tomam formas na cidade. Por fim, conseguimos mapear as áreas de atuação de alguns grupos, assim como seus locais de origem, evidenciando uma territorialidade que parte no sentido periferia até o centro.

1. DA CALIGRAFIA URBANA À PIXAÇÃO HUMANA

Abro espaço para apresentar trechos de entrevista realizados com alguns pixadores atuantes na cidade de Campina Grande, que de certo fato me intrigaram, não apenas como cidadão, mas como amante da geografia por seus vários direcionamentos e segmentos de estudos e análises proporcionados.

O primeiro faz menção à experiência vivida do pixador Som, jovem, aproximadamente 26 anos, trabalhador autônomo.

No começo não tinha motivação não, ficava mais no meu bairro, botava uns nomes ali na zona norte, tipo, levava só por brincadeira mesmo, mas um dia, saí com minha mãe e fui ao centro da cidade, até então eu nem prestava muito , atenção, mas eu percebi que existiam outros tipos de pixação, não só era eu que fazia aquilo, ai eu vi que tinham outras galeras que faziam aquilo, daí eu queria saber quem era que fazia, e também vi que essas mesmas marcas que via em tal lugar via em outros lugares também e então entendi e assimilei que aquilo ali era como se fosse uma demarcação de território e que você não precisava ficar especificamente em um só local, você podia preencher vários locais (SOM, dezembro de 2016).

O segundo Trecho relata experiências vividas do Pixador Caos, adulto, cerca de 37 anos, músico.

Conheci a pixação primeiro através de ônibus quando era pequeno, acho que 1995/96. Circula muito para casa de minha avó ali no catolé, e me chamava atenção os símbolos repetidos, aquilo ficava decorando fotograficamente gerando curiosidade. Via também nos filmes, quando passava as periferias de Nova York e aquilo chamava minha atenção. Minha primeira ideia vinha de porquê? Depois disso veio a prática, mas rolava a curiosidade pela simbologia que me marcava muito (CAOS, dezembro de 2016).

Não se trata de uma mera coincidência, esses dois trechos, mas, a partir desses relatos de vivência, consegui perceber todo um contexto geográfico, ligados ao caráter simbólico e territorial por traz de um movimento dito “de rua”, pouco conhecido, porém, repleto de curiosidades, de simbolismo, causas e efeitos. A pixação, que vem ganhando espaço na mídia atual, por seu caráter transgressor.

Com esses trechos abordados por pixadores entrevistados, iniciei a uma pesquisa de caráter geográfico com o tema pixação, no intuito de compreender a atividade e o

indivíduo, como se dá à apropriação e o significado das transformações na paisagem urbana da cidade de Campina Grande- PB.

Sobre a cidade, Campina Grande encontra-se situada nas bordas orientais do Planalto da Borborema, a aproximadamente cento e vinte quilômetros a oeste de distância da Capital do Estado (João Pessoa). Localizada no Agreste da Borborema. Com população de 385.213 mil habitantes na primeira década dos anos 2000 (dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, 2010).

A urbanidade de Campina Grande vincula -se diretamente a primeira meta de do século XX, ou seja, no período em que o comércio algodoeiro apresenta rápido crescimento econômico implicando consecutivamente no desenvolvimento urbanístico do município. Esse processo de urbanização se dá principalmente quando o comércio algodoeiro é beneficiado pela chegada do trem em 1907. A chegada da ferrovia torna-se o marco para o município, pois o liga diretamente e rapidamente ao Recife, possibilitando um significativo avanço, nas relações comerciais entre as duas cidades (PEREIRA,2012).

A pixação na sua grande maioria, praticada por jovens, tem características de tais, por isso faz-se necessário compreender esse grupo social, nessa perspectiva, e segundo Pais (1993 *apud* CORDEIRO, 2008 p.32) indica que os autores que se detiveram em problematizar a juventude como produção social se concentram em dois eixos de análise: a juventude como um conjunto que se materializa em uma determinada fase da vida, a corrente geracional, e a juventude como produto das desigualdades de classe social, a corrente classista. Na primeira, a juventude seria encarada como momento de passagem da fase heterônoma (do ser governado por outrem, marcadamente de caráter infantil) para a fase autônoma (de autodeterminação do sujeito, marcadamente adulto Centrica). Na segunda, discute-se as desigualdades sociais como elemento fundamental para pensar a juventude e a reprodução social e cultural. Assim, a transição dos jovens para a vida adulta é marcada pela divisão de classe, de gênero, de raça, de trabalho. Apesar disso, ao apontar para a importância de olhar para além da ideia de classe, Pais percebe também “[...] as lógicas de participação ao nível dos diferentes sistemas de interação local”.

1.1. Algo que precisamos saber sobre pixação

Para tratar do tema, faz-se necessário um aparato histórico, por vezes comparando, essa escrita com outras mais antigas, não levando em consideração seu caráter transgressor, mas sim, à necessidade de comunicação que o ser humano tem com outros grupos e que também foi demonstrado em escritas.

As primeiras escritas sejam elas as rupestres, as utilizadas em batalhas entre outras conseguiam registrar de certa forma uma realidade, ou até mesmo uma experiência vivida pelo indivíduo ou grupo, de forma que era feita como ensinamento, talvez para outros grupos, ou até mesmo para ensinar gerações futuras. Uma vez que existiam os indivíduos responsáveis por estas escritas, existiam também demarcações territoriais de grupos distintos com características próprias, além de existirem diversos rituais de significações. Assim como naquele momento pré-histórico havia disputas territoriais, hoje, no contexto urbano contemporâneo, há disputas por parcelas da cidade entre diversos sujeitos, entre os quais os grafiteiros e pixadores que demarcam seu território por meio e registros pictóricos: os grafites e pixações. Talvez alguns autores possam considerar certo exagero nas afirmações, tendo em mente algumas diferenças entre o que era escrito pelos antepassados e o que significa a pixação contemporânea, mas, acreditamos que as disputas territoriais urbanas entre estes sujeitos devem ser consideradas como fatos geográficos.

Vale salientar que o trabalho tem como intuito trabalhar a prática da pixação, seus aspectos, conflitos e relações sociais no espaço, porém, fazem-se necessária a abordagem de algumas práticas como as de Grafite, para uma melhor compreensão do tema, haja vista que todas elas se relacionam entre si, em alguns momentos de forma homogênea, que dificulta a diferenciação, principalmente no quesito legalidade, todas inclusas em um movimento cultural chamado de Hip Hop¹

Sobre a origem, do que posso apontar como caligrafia urbana, faz-se necessário definir e explicar os termos que serão utilizados posteriormente para uma melhor

¹ O movimento hip-hop é um movimento, sobretudo cultural, mas também político, que se constitui enquanto tal a partir da importação da Jamaica para Nova York de uma manifestação mundial espontânea, de jovens negros que expressavam seu cotidiano de miséria e violência. Na Jamaica, tem ligação com o reggae que, já nos anos 1960 abordavam temas sociais ligados aos negros. (TURRA, 2007). Sobre o hip hop, Gomes (2012) Citado por OLIVEIRA (2006) aponta que em tempo similar, segundo a história do surgimento do hip-hop, nasciam não somente o DJ e o MC, responsáveis pelo *Rap* a letra e melodia que junto aos *beats* fazem as músicas do hip hop, como também o break – dança praticada pelo *b.boy* (dançarino) e o grafite (as artes plásticas da cultura urbana). Assim, por meio destes quatro elementos foi batizada então a cultura hip-hop.

compreensão, entre elas os significados das pixações e grafite, como práticas consideradas distintas no Brasil, mesmo tendo a mesma origem.

Segundo a Pesquisadora Debora Penachin, em sua Tese de Doutorado (2012) O termo Grafite é derivado do italiano *graffito*: “[s.m.] risco, sulco, arranhura. [arch.]grafito. [Art.] grafite, pichação. [PL.] reminiscências, símbolos nostálgicos”.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a palavra *graffiti* não é aceita e indica algumas sugestões, e define *grafite* como: “[s.m.] rabisco ou desenho simplificado, ou inicial do autor, feitos, com *spray* de tinta, nas paredes, muros, monumentos etc., de uma cidade; grafito”. O termo subsequente, *grafiteiro*, é definido como “[s.m.] aquele que faz grafites (‘rabisco’); pichador” (HOUAISS, 2009).

Vale salientar que no movimento de grafite, há dois aspectos: a escrita, geralmente são traços simples em forma de assinaturas, nomes e frases aos quais é dado o nome de “*tag*” e as imagens ou desenhos produzidos pelo movimento. Ambos, fora do Brasil, não se diferenciam na origem, nem se separam um do outro, ou seja, tanto faz fazer uma assinatura ou um desenho, será chamada de grafite, a única diferenciação atribuída, será de seu caráter legal ou ilegal. A palavra pichação foi uma adequação feita pelos brasileiros para diferenciar as assinaturas próprias conhecidas como “*tags*” dos desenhos, ou seja, uma forma de separação entre *tag* e desenho, assim diferenciando um pouco a cultura da pichação, do grafite.

O grafite é uma arte sem limitações espaciais ou ideológicas e isso faz dela democrática. Qualquer um pode fazer parte. Alguns jovens remanescentes das extintas gangues, que marcaram o bairro do Bronx em Nova Iorque nos anos 1960, sentiram a necessidade de comunicar-se com a sociedade. Não conseguindo por meio da música ou da dança, buscaram outra forma, muito marcante. Trocaram a pichação por algo mais expressivo e protestaram o pensamento revolucionário nos metrô e trens, com bizzaros bonequinhos desenhados acompanhados por frases e nomes. A partir deste momento, outras cidades norte-americanas começaram a praticar o grafite. (MOTTA; BALBINO, 2006, p. 80).

No Brasil essa diferenciação vem através de leis ambientais, haja vista que intervenções feitas por grafiteiros de forma legal são consideradas na íntegra, um grafite. Em contraponto, todo desenho, letras e escritas, produzidas de forma ilegal, ou seja, sem as devidas documentações de autorização, que pelos órgãos de fiscalização, devem ser em forma de documento escrito e assinado pelo proprietário do local, mesmo que pelos

que produzem, seja considerado grafite, nos procedimentos legais se enquadram e são consideradas pixações. Portanto tais são passíveis de multa e procedimentos cabíveis de acordo com a lei Nº 9.605/98, alterado em 2011;

Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação o monumento urbano com Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011). Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa. (Renumerado do parágrafo único pela Lei nº 12.408, de 2011). Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional (Incluído pela Lei nº 12.408, de 2011).

Para Gitahy, o termo pixação tem vários significados; atos ou efeitos de pichar; escrever em muros e paredes; aplicar piche em; sujar com piche; falar mal. (GITAHY, 1999).

É comum entre os pixadores, nas suas escritas ou linguagens, a escrita da palavra “pixação” com “X” como vemos na figura (1), em foto registrada na rua Antenor Navarro, bairro da Prata, disponibilizada por um dos pixadores da cidade. Escrita essa que tem um motivo, adentrando as raízes da prática da pixação, que é a transgressão.

Os dicionários não aceitam a palavra “pixação”, e tem o termo pichação como efeito de pichar. É importante identificar que “pixação” com “X” ao invés de “CH” é produzida pelos agentes (pixadores) como própria forma de transgressão na maneira de se expressar, relacionando à língua portuguesa. No trabalho, compreendendo essa forma transgressora, resolvi utilizar o mesmo dialeto utilizado pelos pesquisados como forma de respeito à prática² e aos sujeitos, e também ao movimento que engloba esse e outros aspectos transgressores, ou seja, utilizando da palavra Pixação com “X” para o desenrolar do trabalho.

No Brasil, o termo pixação serve para denominar um dos elementos mais importantes da cultura urbana brasileira, um tipo de grafite que se iniciou em São Paulo fundamentado em desenhos de letras e assinaturas dos autores, chamados de pixadores, e

² Doravante a prática da pixação será frequentemente chamada apenas por “prática”.

dos grupos aos quais pertencem, conhecidos como galeras, “grifes”, uniões ou famílias. (PENNACHIN, 2012).

Esses sujeitos muitas das vezes saem pelas madrugadas da cidade, à procura de locais para escreverem essas suas assinaturas, arquitetando locais prediletos, situações favoráveis entre outras características, com o objetivo de deixar sua marca visível. Sujeitos que muitas vezes agem em grupos ou de forma solitária, transformando rabisco em paredes em uma série de códigos, linguagens, mensagens, transformando paisagens entre outras características que englobam o movimento pixação.

FIGURA 1: “A BONITA PIXAÇÃO NA CIDADE SE ESPALHOU”



Fonte: arquivo pessoal de Som, 2015

Conseguí por meio de amigos, redes sociais e outros meios de comunicação, contato com alguns membros de grupos de pixação, participando de suas reuniões acompanhando as suas ações e junto a isso me inseri no que a autora Duarte em seu livro aponta como sendo uma “SOCIEDADE SECRETA DO SPRAY”. Ao me inserir nesses grupos de pixadores, a priori, consegui identificar a existência de formas de linguagens locais e peculiares, repletas de gírias e simbolismos que, a meu ver, precisavam ser identificadas e desmistificadas, como forma de facilitar a compreensão das ideias, entendendo o porquê de todo um simbolismo aplicado à prática. Entre as palavras que consegui identificar, compreender e traduzir resolvi elencar as principais com alguns significados, entre elas se destacam no quadro 1.

QUADRO 1: AS GÍRIAS

AGENDAS	Locais que contém várias pixações por área, pode ser uma parede, ou um quarteirão inteiro
ATROPELAR, QUEIMAR	Violar a pixação alheia com qualquer coisa, desde passar por cima com riscos, tintas entre outras formas e interferência
COLAR	Ir a algum lugar e/ou pixar ao lado de outro pixo
CREW	Grupo de pixação ou grafite
ESCALADA	Uma modalidade que é pixar locais altos
FLUXO	Local de movimentação e destaque
FOSCAR, RISCAR, BOTAR NOME	Pixar em destaque, sair na ação
GÍRIA	Significado
GRIFS	São grupos de pixação identificados por símbolos
MISSÃO	Atividade planejada
PICO	Local estudado para ação, geralmente os locais de destaque na cidade ou pontos estratégicos
RODAR	Ser preso, pego e/ou ter os materiais apreendidos
ROLÊ	Saída para execução do ato de pixar
TELAS	Paredes ideais para ação
TRAMPO	Arte bem trabalhada, mais utilizada por grafiteiros
ALFABETO, CALIGRAFIA	Estilos de letras diferenciadas para a pixação

A procura por significados às gírias utilizadas pelos grupos de pixadores, foi necessária como parte da desmistificação de seus simbolismos, assim como um primeiro passo para uma melhor compreensão do que é colocado nas paredes, seus motivos, as causas e consequências, necessária também para compreender os motivos das codificações, haja vista que a própria linguagem utilizada, traz simbolismo e códigos, no que diz respeito aos locais de encontros, áreas de ação, e até por vezes identidade de terceiros. Essa mistificação, ou ocultação de informações e mudanças de linguagem me intriga, pelo fato de que se percebe necessidade de esconder informações, manter-se oculto ou não identificado. Vale lembrar que por vezes essas palavras passam por constantes mudanças, atualizações, possivelmente como forma de ludibriar informações, talvez a represália de autoridades, por se tratar de atividades ilícitas.

Conseguí perceber e corroborar realmente a existência de uma sociedade secreta, não apenas um ou dois grupos, mas se trata de algo mais dinâmico, com diversas pessoas envolvidas englobando faixa etária, gênero, cor. Em um processo de idas e vindas, de pessoas que começam a praticar e logo param, algumas permanecem por longo tempo, mas perceptível que passa por processos de renovação, frequentemente, aparecendo

novos membros, novos grupos. Todos envolvidos no contexto social, no dia-a-dia, e que praticam essas atividades por vezes de forma oculta, mas, é perceptível e ao mesmo tempo intrigante a necessidade de se expor, em busca de passar a própria mensagem, nos melhores lugares possíveis, o desejo por escrever em locais de alto grau de exposição. Retornaremos a tratar desse assunto nesse capítulo.

1.2. Algo que precisamos saber sobre território

Para que eu consiga prosseguir no tema proposto, vale um aparato teórico sobre o conceito de território, visto que será importante a compreensão das suas significações, assim como as transformações junto à relação social existente. Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”, ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito quanto ao simbólico de apropriação. Lefebvre (1986 *apud* HAESBAERT, 2007, p. 20-21) distingue apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado de marcas do “vivido”, do valor do uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca.

Haesbaert (2007) se refere ao território como símbolo de apropriação, ou seja, aplicado a uma relação de dominação, de ocupação e de espaço dentro dos movimentos sociais. Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de "funções" quanto na produção de "significados". O território é "funcional" a começar pelo seu papel enquanto recurso, desde sua relação com os chamados "recursos naturais" - "matérias-primas" que variam em importância de acordo com os modelos de sociedades vigentes. O território “simbólico” é colocado pelo autor como um espaço de “ser”, ou seja, adquire uma identidade territorial, em processo de apropriação (território das diferenças), que mantém uma territorialidade sem necessariamente ter um território, com multiplicidade de identidades e de valor simbólico ou afetivo.

Haesbaert, discutindo sobre os territórios, expõe uma vertente que muito se assemelha a do movimento da pixação, que seria o “simbólico”, o autor relaciona as relações de poder com a produção de significados, ou seja, a relação que o indivíduo adquire com o território, o de “ser” o território. O que acontece bastante no “submundo”

da pixação, em que alguns sujeitos defendem territórios de forma extrema, os considerando seus, e a sua pixação como uma forma de espalhar um pouco de seu território em vários lugares (HAESBAERT, 2007, p. 23).

Os processos de territorialização são evidências de uma condição política, cultural e simbólica do espaço social, que define estéticas (formas de se mostrar) e éticas (forma de agir) totalizadoras e hegemônicas. As construções territoriais são fraturas coletivas produzidas por sujeitos marginais às condições hegemônicas (COSTA, 2016, p.13)

1.3. Territorialidade

Ao falar de territorialidade, Costa (2016) aponta a relação entre o campo simbólico e o imaginário das práticas sociais, ou seja, vai mais além do que apenas o espaço físico, tem a ver com as relações simbólicas e sociais como aponta;

As territorialidades são formas, ações e identificações simbólicas construídas nestes territórios de partilha de gostos. Elas transitam além dos territórios, por serem elementos constituintes da subjetividade dos sujeitos. As territorialidades marginais extrapolam os territórios (COSTA, 2016, p.13).

O autor vai mais além e aborda a, por ele, chamada “territorialidade de resistência” apontando-a como “transgressiva”, semelhantemente ao tipo de apropriação proporcionada pela pixação, que mesmo sendo simbólica, o grau de transgressão é alto. Aponta que são apropriadas pelos sujeitos marginais, produzida de forma simbólica, que proporcionam a reprodução de novos territórios (p.20).

1.4. Multiterritorialidade / Transterritorialidade

Haesbaert (2011) aponta em sua obra que o trânsito entre diferentes territórios, ou mesmo a vivência, concomitante de múltiplas territorialidades, e o contorno de certos limites ou fronteiras territoriais pode ser denominado de Multi e/ou transterritorialidade indicando a confusão em saber quais os limites territoriais das modalidades de poder exercidas. Defendendo a ideia de territórios minimamente estáveis, ou seja, enquanto a multiterritorialidade está diretamente ligada as várias formas de territorialidade funcionando de forma pacíficas pelo simples da multiplicidade de territórios ter

características funcionais que explica bem o caso dos points em Campina Grande, que utilizam de territórios para exercer suas atividades rotineiras.

Já a Transterritorialidade, posso considerar como algo mais voltado as relações de poder, alguns autores vão abordá-la:

As transterritorialidades são disputas, tensões, conflitos, mediações e negociações entre territorialidades[...] configurando-se em uma espécie de “transmigração” cultural e de poder na relação entre territorialidades divergentes. Pessoas, grupos, classes e instituições transitam entre territorialidades como trânsito entre sentidos de viver, muitas vezes opostos e em contradição, ao mesmo tempo que transpassam e são transpassados por territorialidades, podendo, inclusive, potencializar e produzir entrecruzamentos e/ou superposições através da “mistura” (oriunda do próprio choque), com a produção de territorialidades cada vez mais híbridas. Esse trânsito é, quase sempre, carregado de disputas, tensões, conflitos, mediações e negociações (GOETTERT&MONDARDO. p.117).

Como apontado, as transterritorialidades são marcadas por conflitos que me remeterá ao contexto histórico da Pixação em Campina Grande, como as disputas territoriais entre grupos rivais, ou até mesmo a transgressão existente no movimento.

1.5. A pixação no Brasil

Para tratar da pixação em escala local, é necessário entender o que é esse movimento e como funcionou antes de ser introduzido na cidade, ou seja, um aparato histórico bibliográfico sobre o tema em questão.

O surgimento das pixações no Brasil, segundo (Gitahy, 1999) se originou na década de 1960 através de frases de protestos políticos, enigmáticas e engraçadas, temos os casos bem famosos como o do Cão Fila km22 que colocava sua localização para a venda de cães de raça. Frases como a de um seriado japonês com os dizeres “SELACANTO PROVOCA MAREMOTO”, espalhados por diversas regiões e cidades de São Paulo. Esses são os primeiros registros de pixações catalogados por estudiosos, bem distantes do caráter de protesto, mas, aproximando-se do quesito de autopromoção.

Tornaram-se mais fortes na ditadura militar após a aprovação da lei de anistia política, algumas formas de protesto eram jornais ilegais, músicas, pixações e outras ferramentas de protesto político e indignação. Com letras de fácil compreensão eram escritas frases como “abaixo a ditadura” (PENNACHIN, 2012).

Vale salientar que, embora tenha ganhado força, a pixação em seu caráter transgressivo era impedida, devido aos fortes esquemas de segurança existentes na Ditadura. Era praticada geralmente à noite, e mesmo com todas as dificuldades, crescia, não só em caráter político, mas também de autopromoção com a escrita do próprio nome.

A pixação está inserida em sua maioria no meio urbano, onde diariamente são produzidas ao longo do tempo, e se espalham por diversas ruas, bairros, áreas etc.. Por vezes de forma acelerada, em grande escala de representações e em vários pontos visíveis da cidade, e que altera o sentido da paisagem, através do simbolismo existente tanto no que diz respeito ao que é escrito, quanto no que significa a simbologia e motivações da pixação. Uma atividade praticada por indivíduos muitas vezes anônimos, que de certa forma tentam transmitir alguma informação ou podem ter alguma justificativa para seus atos expostos através de sua caligrafia específica em cores e formatos variados, exprimindo afetos em versos, aforismos e outras expressões linguísticas divulgadas em diversos segmentos.

Existem pixações em diversas cidades do país, algumas delas interligadas entre si, seja entre cidades, entre estados e regiões. Onde uma forma rápida de contato, seja as redes sociais. Isso faz com que alguns grupos de pixadores “chamados de (grifes)” consigam se deslocar para outras cidades. Uma prova bem interessante desse deslocamento, é frequente a aparição de simbologias oriundas de **grifes³ do Estado de São Paulo**, em ruas e monumentos em Campina Grande como podemos ver nas figuras 2 e 3. Através de informações como essas, acabo por perceber que não se trata de movimentos avulsos, mas sim, organizados, orquestrados e com razões, causas e efeitos.

O intuito inicial da pesquisa é compreender os significados dessas transformações das paisagens pelo indivíduo e logo de início será necessário aqui, entender o processo de chegada da atividade a cidade de Campina Grande, as características dos primeiros grupos, sua ideologia, o que buscavam com a prática, os conflitos nos quais se envolviam na trajetória de disputas territoriais. A partir desse conhecimento, será possível avançar nas perspectivas de compreensão dos simbolismos e das transformações das paisagens através da pixação. Isso foi possível graças a pesquisas anteriores realizadas por outros autores na cidade, que conseguiram informações importantes que puderam enriquecer a

³ Os Registrados no código Penal, Zona Oeste Pixo, Os Mais fortes, Os Mais Imundos são algumas das ramificações de grupos originais de São Paulo na Cidade, assim como algumas grifes em escala estadual e/ou Regional, entre elas INSANOS, UNIÃO NORDESTE, entre outros.

obra, e também a alguns pixadores que se propuseram a se deixar serem entrevistados, enriquecendo com detalhes imprescindíveis.

1.6. Contextos históricos da pixação em Campina Grande

A pixação por grupos em Campina Grande teve início em meados dos anos mil novecentos e noventa (1990), influenciados possivelmente pela cultura de rua oriunda de Recife-PE, (DUARTE, 2010), envolvendo a questão do hip hop, o skate entre outras modalidades. Na obra *A SOCIEDADE SECRETA DO SPRAY*, que foi pioneira sobre o tema na cidade, Angelina Duarte (2010) aborda um pouco as origens dos primeiros grupos de pixadores da cidade, no caso a OPZ (organização de pixadores do Zepa) e a LPE (Loucos Pixadores Escaladores). Não é possível identificar quem foi o pioneiro da pixação na cidade, mas, segundo o líder de um dos grupos, que também foi um dos entrevistados na obra da autora, o “Caos”; bem antes das aparições dos grupos, já existiam algumas “tags” principalmente no bairro do Catolé, produzidas individualmente, algumas dessas bem trabalhadas e bem frequentes no percorrer dos percursos das avenidas, embora não tão organizadas.

Vale salientar que em alguns pontos da cidade teremos maiores ocorrências dessas pixações, principalmente em toda região central da cidade, tendo em vista a quantidade de pessoas que circulam no dia-a-dia, onde os pixadores acreditam serem os locais ideais para os chamados “roles” ou “ataques”, dada a visibilidade que tem esses pontos. Segundo pesquisas realizadas por Angelina Duarte (2010) em sua Tese de doutorado, os primeiros “movimentos organizados” de pixação na cidade ocorreram a partir da década de 1990 com alguns jovens skatistas, colocando em pauta características bastante semelhantes entre os diversos grupos de pixações, tais como a valorização da localidade, seu território, suas siglas que identificam seus locais de origem ou a que grupo, ou filosofia de vida (DUARTE, 2010).

Em seus relatos históricos, Caos relata seus primeiros contatos com o movimento que envolvia vários outros grupos sociais e culturais

Era uma galera que escutava muito rock'nroll, ligado a cross, da bike, movimento muito forte nos anos 90. Alguns deles colocavam, tinha punks e skatistas que circulavam a pirâmide de madrugada e mesmo sem andar de skate na época já passava e via nomes e achava legal. Nomes como bob, punks e outras “tags” do Rio (Rio de Janeiro), Maranhão. Quase sempre via no centro, ali na Pirâmide, no Catolé e muito ali em Santa Rosa que sempre

teve um movimento muito forte. Ou seja, Cross, roqueiros, punks e skatistas. (CAOS, dezembro de 2016) (Grifo nosso).

É possível na fala de Caos, perceber direcionamentos, no que diz respeito as paisagens observadas por ele dentro dos bairros de Campina Grande, que chamaram a atenção dele como pixador, ou seja, em seus relatos pude perceber de certa forma uma comunicação entre o sujeito pixador, com o objeto de estudo, a paisagem da pixação.

Segundo dados da autora DUARTE (2010), existiam no meio dessa subcultura, verdadeiras disputas, sejam elas entre os próprios membros de grupos, ou entre grupos rivais. Um dos temas principais de sua obra, o conflito entre OPZ e LPE, algo que muitas vezes se expandia fora do contexto ideológico de pixação e adentrava dentro de outras disputas, como no caso de torcidas organizadas e facções de bairro.

É necessário também enfatizar que existiam outras disputas, como o caso da zona oeste da cidade, com os Grupos; Pixadores Zona Oeste (PZO), Pixadores Malucos da Oeste (PMO), Os Negros (NGS), os noturnos (Primeiro Comando Noturno (PCN)) Ratos do kanal (RDK), Os Pixadores Insanos (Ospi) entre outras que buscavam a exposição de suas pixações por toda cidade. Algumas vezes essa exposição dos grupos acabava gerando conflitos, em outras ocasiões auxiliavam uniões em busca dos seus objetivos, em um lema defendido de “todos contra o sistema”.

Sobre a fundação de outro grupo importante para o cenário da pixação em Campina Grande, a PMO, que foi considerado um dos maiores grupos existentes na cidade, conseguimos o depoimento de um dos fundadores, o Cego;

*O coletivo PMO surgiu em 2006 no bairro Malvinas lado oeste dá cidade quando eu e uns amigos que não pintam mais, decidimos fazer um coletivo como os outros que já existiam na cidade, já **começou em um lance democrático** cada um propôs um nome, eu escolhi a sigla PMO (pixadores malucos dá oeste) e convenci a maioria dá galera que era mais simples e representava bem o bonde .A galera valorizava muito a estética do pixo, mas, também já tínhamos o lance de querer mostrar a realidade que rola na periferia através dos “roles”. No primeiro ano já rolou treta com a crew mais antiga do nosso bairro o PZO onde uma parte dos seus integrantes declararam que iriam fechar a nossa “crew”, por outro lado, vários de La mesmo, enxergaram que essa ideia era torta e nos apoiaram também como o Afro entre outros. Mais a Zona Oeste parou quando a crew começou a expandir, rolou altas discussão e tumulto queima de tag entre nós, a Zona Oeste parou quando a PMO começou. (CEGO, janeiro de 2017).*

É possível perceber pela fala do Cego que existia uma organização entre os pixadores, não era de forma aleatória, mas sim, sistemática, com reuniões. Tinham também objetivos. Essa organização trouxe com elas as chamadas “Subsiglas” que eram

“Crews” específicas derivadas das *Crews* maiores, como referência, sobre isso Cego vai apontar a criação de outra *Crew* na sua localidade:

Mais para frente em 2008, uma parte da galera dá PMO e do ATACKBOMB CREW (Grupo que se especializou em bombs e grafites) decidiu fazer outro coletivo onde tinha uma galera presente; Gaspar, skilo, eu, cães e afro propôs o nome “OS NEGROS” devido de naquela galera, a maioria ser negros e os que não eram negros concordaram também, tudo decidido em uma reunião de fundação (CEGO, janeiro de 2017).

Sobre a existência das subsiglas, sua formação em diferentes territórios, e a rivalidade criada a partir dessa divergência territorial é necessário abordar a versão dada por Caos sobre a existência de sub-organizações.

*Ocorreram algumas junções e subsiglas. Que eram ramificações das siglas principais, com os simpatizantes na zona leste tinha outras 3 subsiglas PZL (Pichadores Zona Leste), PPZ (Pichadores Psicopatas do Zepa) e LPM (Loucos Pichadores do Mal) que era do Monte Castelo, que **acabavam tretando com a gente por simpatia com a OPZ que era a sigla principal da leste**. Aqui também tinham a MP, PLL bem próximo da gente, que giravam em torno das principais. Esses conflitos ocorriam por zonas. **Começaram a existir ataques, da LPE para a PPZ, da PZL a LPE, mas sabíamos que o foco era OPZ e LPE, que eles começaram a anular, queimar algumas pixações nossas ali no açude velho**”(CAOS, Dezembro de 2016).*

Com o que foi abordado anteriormente, abro espaço para pensar um pouco nesse movimento e questionando o senso comum de ser apenas de riscos na parede ou vandalismo, acreditando na existência de algo mais complexo, abordando toda uma ideologia, uma motivação, um significado, causas e efeitos para que esses rabiscos apareçam na cidade. Seus significados podem ser específicos do autor para sua autopromoção ou de sua marca, ou de certa forma uma mensagem para indivíduos ou grupos específicos. Não poderia deixar de pensar na possibilidade de considerar demarcação de território por determinados grupos, sejam eles organizados ou não, para diversos fins (lícitos ou ilícitos) ou até mesmo como forma de protestar contra alguma coisa. Para conseguir algumas respostas, irei começar desvendando o que está escrito, a priori, os porquês da escrita, e a desvendar esse simbolismo a partir de agora.

1.7. Arte? Código? O que existe por trás da parede pixada?

A proposta desse tópico está em desmistificar esses rabiscos a partir das paisagens, junto a todo o processo de apropriação e construção das paisagens urbanas cada vez mais

frequentes que são as pixações, mas, o desmistificar aqui proposto não é o de identificar e traduzir o que está escrito no muro, mas, compreender o sentido dela estar lá.

A priori utilizei como técnica a fotografia, principalmente para registro da maior quantidade possível de informações das paisagens determinadas. O estudo das imagens aqui foi de fundamental importância, pois a partir dele, consegui aplicar o conhecimento sobre os símbolos, o associando as paisagens. Na maioria das vezes foi utilizado a câmera de aparelhos celulares, pois alguns registros duravam pouco tempo, era necessário ser ágil.

É necessário antes de qualquer coisa, explicar a paisagem transformada pela pixação, desmistificando alguns rabiscos, seus significados, entre outros aspectos. São transformações, paisagens carregadas de simbolismo, em constantes transformações. O conceito de Paisagem é muito utilizado na Geografia para identificar recortes espaciais, explicar e compreender contextos. Tratarei deste conceito primeiramente apontando sua relação direta com a pixação, dois temas que vêm sendo bastante discutidos atualmente.

Sobre algumas características de paisagem trarei e apontarei de Côrrea; Rosendahl (1998), que afirmam;

A paisagem geográfica apresenta simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. Ela tem uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas **criadas pela natureza e pela ação humana** e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as suas diversas partes, produto da ação humana ao longo do tempo. A paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa parte da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas **a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias, tendo assim uma dimensão simbólica** (CÔRREA&ROSENDAHL, 1998, p. 10, grifos meus).

Concordo com os autores, na medida em que isto se verifica no submundo da pixação, afinal, há uma dimensão simbólica relacionada a demarcações, a grupos, a significados do ato, a protestos, a linguagem produzida pelos sujeitos, ao sentido de transgressão, dando uma ideia de pixação como transformadora de paisagem.

No início de uma das entrevistas, consegui identificar, através dos relatos, esta dimensão simbólica e que torna eficaz um dos efeitos das pixações que é chamar a atenção da sociedade a partir da modificação das paisagens. Em um primeiro momento o pixador Som aponta esses símbolos como marcas espalhadas por vários lugares:

Um dia eu saí com minha mãe e fui no Centro da cidade, até então eu nem prestava muito atenção, mas eu percebi que existiam outros tipos de pixação,

não só era eu que fazia aquilo, aí, eu vi que tinham outras galeras que faziam aquilo, daí eu queria saber quem era que fazia, e também vi que essas mesmas marcas que via em tal lugar via em outros lugares também (SOM, dezembro de 2016).

Já o Caos apontou a existência de Símbolos até então desconhecidos e que despertavam a curiosidade, mostrando uma característica forte do movimento que é a da linguagem apenas entre os praticantes, impedindo a decifração desses símbolos por outras pessoas: *“chamava atenção os símbolos repetidos, aquilo ficava decorando fotograficamente gerando curiosidade”* (CAOS, dezembro de 2016).

Para Denis Cosgrove (1998) a paisagem sempre esteve intimamente ligada à Geografia Humana, com a cultura, com a ideia de formas visíveis sobre a superfície da Terra e com sua composição. A paisagem de fato é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, uma unidade visual.

Partindo do Ponto de vista do autor, percebi que a pixação como parte da paisagem, parte dessa perspectiva de harmonizar o mundo externo à paisagem ali produzida, isso graças à dedicação do sujeito em se expressar a partir de sua trajetória e traduzi-la em símbolos e letras, espalhando em locais possíveis de serem acessados apresentando, assim, suas ideias. Como se pode notar pelos relatos dos pixadores a seguir:

Hoje em dia eu tenho mais uma percepção sobre a pixação, é mais evoluída, porque procurei estudar sobre ela. Porque eu acho que pixação não é só você fazer, você tem que saber porque você está fazendo aquilo. E para mim, que faço ela, a pixação é como se fosse um alerta, entendeu? Muita gente acha que ela é só uma crítica, uma destruição, uma depredação de patrimônio público, mas se você prestar atenção, aquele patrimônio que a pessoa pixou, ou que eu mesmo pixei, ninguém prestava atenção naquilo antes. Tipo, os prédios tombados aqui do Centro, ninguém vê, nem presta atenção naquilo, passa despercebido. Quando a galera preenche aquele espaço, aquele prédio antigo com pixação, as pessoas começam a olhar aquela casa. Antes da pixação era uma casa invisível para a cidade, e isso é um dos motivos que me faz pixar. Tá ligado? Não é só destruição. (SOM, Dezembro, 2016).

O pixador Som através de seus relatos tentou trazer a ideia de pixação como ferramenta de manifestação, uma espécie de “voz dos excluídos”, que mostra que a pixação também assume um papel social, que é o de trazer à evidência patrimônios públicos, como no caso os prédios históricos, por vezes esquecidos pelas políticas de preservação desses próprios patrimônios. Sua pixação, como a de muitos outros, aparece lá como forma de denunciar, mostrar o descaso e o abandono desses locais e, de certa forma, essas pixações começam a incomodar a sociedade. Esse comentário evidencia

alguns problemas, os quais serão abordados nos capítulos seguintes como, por exemplo, a quantidade de pixação no Centro histórico de Campina Grande.

Com uma linha de raciocínio semelhante à de protesto, Caos relatou sua experiência não só de ver a prática da pixação como forma de desabafo, mas, principalmente, a procura por reconhecimento da pixação como uma linguagem;

*O que me levou à prática da pixação, primeiro, a curiosidade de saber o que aquela simbologia representava, depois meu julgamento próprio, **que aqui representasse o desabafo e na adolescência, no social, eu achava uma forma de externar meu desabafo com meu nome.** (CAOS, dezembro, 2016).*

Concordando com a afirmação dos pixadores, a pesquisadora Débora Lopes Pennachin (2003) especialista no tema, em uma de suas obras, relata as formas de grafia existentes nas cidades, aponta causas e efeitos do externo à paisagem modificada junto a sua funcionalidade e conteúdo:

Os grafismos urbanos que vemos espalhados pelos muros são resultados de um processo em que o escritor (...) assimila e interioriza diversos elementos da urbanidade em que vive, processa-os e com eles interage, para posteriormente devolvê-los ao ambiente externo, sobre a forma de grafite ou pixação (...). **Os grafismos urbanos são na forma como são exercidos e no comportamento libertário dos seus agentes, uma linguagem, além de artística, também política, que constrói novas significações dentro do espaço urbano e público, transformando-o qualitativamente** (PENNACHIN, 2003, grifos nossos).

Existem significados por trás da escrita, motivos e alvos a serem atingidos, características de estresse urbano, significados, simbolismos e isso é o que tentarei explicar a partir de exemplos que desmistificarão algumas paisagens, assim como seus sujeitos e a lógica de apropriação delas. Caio Maciel (2008) aponta as dimensões ética e política da paisagem.

Quando lidamos com paisagens revestidas de poder simbólico, como as imagens espaciais relacionadas ao espaço público, deverão levar em conta que sua conservação ou degradação adquirem significados éticos e políticos, antes que meramente estéticos (MACIEL, 2008, p.8).

Esse espaço público abordado por Maciel me remeteu a pensar em cidade, como espaço público ideal para a discussão, uma vez que se torna mais viável e perceptível essa questão de simbolismo misturado à paisagem. Viável, pois normalmente as pixações

ocorrem no perímetro urbano, como forma de chamar atenção da cidade, apesar de existirem registro delas em locais não urbanos.

A paisagem urbana é constantemente alterada, modificada diariamente pelos processos da cultura e motivada pelo fluxo da sociedade, o que é, muitas vezes, imperceptível a alguns, como aponta Sandro Cajé da Paixão (2000);

Cada cidade está sendo modificada a todo o momento, essas transformações acontecem silenciosamente, quase não percebemos tudo em trânsito, não só as coisas móveis, não apenas as pessoas, mas a própria paisagem. O letreiro que substitui o outro na fachada, um cartaz de liquidação, decorações, das de chuva ou sol. Tudo isso colabora para a transitoriedade permanente da paisagem urbana [...] **as paisagens mudam, porque os seres humanos estão em frequentes modificações** (PAIXÃO, 2011, p.63, grifo nosso).

Seguindo a perspectiva do autor, a pixação se inseriu nas características da paisagem urbana, a partir da percepção desse processo de modificações, que se dá por característica própria da pixação, qual seja, o rabisco inserido em edificações, em locais de grandes movimentos de pessoas, produzidos pelo sujeito ou grupos, muitas vezes dedicado à prática. A única variação é a motivação de cada movimento, que interfere na quantidade de pixação nesses locais, ao mesmo tempo ocorrem disputas territoriais, seja da pixação contra *outdoors*, propagandas audiovisuais em muros entre outras formas de publicidade visual, que fazem com que a paisagem seja modificada constantemente e que de certa forma acaba se tornando comum, rotineiro, conseqüentemente invisível para alguns. O autor traz detalhes importantes quando aponta que: “apesar dessa difícil percepção da mudança, o pixador está atentamente ligado a esses detalhes, mais do que isso, acaba participando da paisagem” (*ibid.*, p. 63). Vale salientar que o olhar do pixador sobre a paisagem acaba ficando mais detalhada⁴, simplesmente, pelo fato de enxergar oportunidades e facilidades para chegar ao local onde possa escrever. Além disso, seu principal objetivo é analisar o público que poderá visualizar suas *tag* quando a paisagem estiver transformada.

Mostrarei através de exemplos clássicos, o processo de apropriação simbólica. Na imagem a seguir, tirada na Avenida Noujain Habib, Bairro do Catolé, onde os indivíduos alteram a paisagem pixando o muro branco de uma padaria, com símbolos e códigos que

⁴ A visão do pixador sobre o todo, sobre as paisagens, é diferente do observado pelo leigo, uma vez que o sujeito se apropria de paisagens a fim de expor suas ideias e seus símbolos, tem o olhar geográfico de melhor lugar a ser feito, observando os perigos eminentes, assim como o público que a mensagem vai abranger, ou seja, acaba sendo uma visão mais detalhada sobre o cotidiano do que outras pessoas.

para os leigos são de difícil compreensão. Geralmente são símbolos e siglas que só participantes do movimento conseguem compreender.

FIGURA 2: PIXAÇÃO NA AV. NOUJAIN HABIB, CATOLÉ



Fonte: ArqFonte: Arquivo pessoal, novembro, 2016.

Como visto na Imagem, consegui enumerar alguns códigos para decifrar o que são, e o porquê dessa representação nos muros; os símbolos que foram marcados com o número um (1), são identificados pelos pichadores como *xarpi*⁵, uma forma de assinatura oriunda e aprimorada de outros estados brasileiros, como Rio de Janeiro, ou Pernambuco. É utilizado muitas das vezes por se tratar de uma forma rápida de colocar seu nome, e funciona como uma simbologia de assinatura, difícil de ser clonada por outras pessoas. Ou seja, existe a preocupação com a originalidade do pixo, e muitas das vezes, é a preocupação em não ser identificado pelo vulgo de atuação por outras pessoas, se não pelos praticantes ou grupos.

O símbolo dois (2) representa uma sigla identificada como *ADV* (Ação Direta Vandal). Geralmente o autor identifica através de abreviações das primeiras letras, uma forma rápida de expor o nome do grupo que faz parte, como forma de mostrar qual grupo ou ideologia serve, e muitas das vezes apontar que aquele grupo ou indivíduo passa, ou passou por ali, o que vai identificar se aquela “área” é domínio de certo grupo, ou local

⁵ Uma Escrita em forma de assinatura, muitas vezes ilegíveis, oriunda e aprimorada de cidades, como Rio de Janeiro ou Recife. São símbolos que representam o nome, ou “vulgo” do pichador. Na Paraíba, o *xarpi* é semelhante aos encontrados em Recife. Acredita-se em uma contribuição direta da pichação de lá, pela proximidade e pelos relatos que dão conta de que um dos fundadores da OPZ fora criado nesta cidade (DUARTE, 2010).

de passagem diária, são algumas características, como quantidade de assinaturas espalhadas na área, datas e diversidade de assinaturas, cores e exposição de outras siglas. Adiante falaremos um pouco mais sobre isso.

O terceiro símbolo identificado é uma “Grife” de pixação oriunda do Estado de São Paulo, e que consegue fazer essa conexão entre alguns estados, entre eles a Paraíba, a fim de divulgar a marca e também permitir a interação entre membros do mesmo grupo de uma cidade para a outra, no que eles falam “firmar aliança”, como fala o pixador Som sobre essa interação com outras Cidades.

Foi aí que comecei a sair, vi que Campina Grande estava pequeno para mim, entendeu? Eu precisava conhecer outros lugares, tipo, eu entendi que se Campina Grande era assim, em outros lugares também eram assim, ou melhor. Foi quando comecei a pesquisar e vi que outras cidades que eram bastante “arregaçadas”, eu achei muito da hora aquilo. Eu juntei uma grana e sai por aí, a primeira cidade que fui foi João pessoa, capital. Cheguei La achei massa e tal, joguei vários nomes e conheci várias pessoas por lá (SOM, dezembro de 2016).

O que pude perceber sobre esses grupos ou grifes, é a busca por espaço dentro da sociedade, a divulgação de sua grife, de sua marca, a conquista do território, a expansão da prática, o alcance cada vez maior, a disputa por membros, visando quantidade e qualidade, tudo isso a partir das transformações e intervenções na paisagem produzidas pelos pixadores.

O quarto ponto (4) na imagem nos remete a uma numeração, “16”. A utilização de datas nas pixações, observando as atividades e planejamentos, credita-se a questões históricas, muitas vezes proporcionando um símbolo de resistência, a ações naturais e humanas, resistentes ao tempo. A pixação mais antiga em um muro é considerada uma relíquia, pelo fato de proporcionar os resgates históricos do momento vivido, ou registro de identidade do autor ou grupo. Vale dar uma atenção a esse símbolo, pois ele muitas vezes será o pivô da escolha de um local para a prática, isso graças à necessidade da valorização do teor histórico que envolve a pixação. Essa valorização faz com que muitos se arrisquem na tentativa de eternizar suas marcas em locais que dificilmente serão apagados e a data serve para evidenciar o tempo no qual aquela pixação permaneceu no local. Pixações datadas com mais de 10 anos são cada vez mais raras pela cidade.

O quinto (5) elemento identificado na paisagem analisada é um símbolo utilizado em movimentos de “Anarquismo⁶”, já não se tratando de um grupo específico, mas relacionando aos pixadores que riscam, não apenas por ego, mas, em protesto, lutas por igualdade, contra a corrupção, entre outros aspectos político sociais seguindo a linha mais “anarca”, utilizada principalmente nos movimentos e grupos *punks* da cidade. Essa imagem foi tirada a parte, mas geralmente esses grupos inserem em suas pixações, frases de ordem.

Existem outras apropriações simbólicas, estéticas, e sujeitos participantes dessa chamada por eles “cultura de rua”. A figura três (3) mostra a ação de um grupo feminino em proximidades da Avenida Brasília. Pude notar algumas características semelhantes à imagem anterior, apontando organizações de grupos, simbologias entre outros aspectos que remetem a demarcações territoriais e exposição das marcas. Para a melhor compreensão, decidi por enumerar as simbologias e melhor explicá-las: o número um (1) é representado pelas “grifes”. O número dois (2) identifica as *crews*⁷, o número três representa a *tag* escrita de forma reta, porém com caligrafia diferenciada. O número quatro (4) evidencia os *bomb*⁸.

Andando em pontos específicos da cidade, consegui identificar não só esses, mas diversos outros símbolos que muitas vezes passam despercebidos pela população, porém, em muitos casos são símbolos conhecidos, legíveis, tentando transmitir alguma mensagem, sejam elas de cunho político social, modificações repletas de bagagem cultural, seja em outras abordagens. O que me leva a questionar e procurar compreender essas transformações, as modificações existentes na paisagem, não apenas pelo sujeito pixador, e sim, todo um sistema de mídia urbana, com propaganda políticas, religiosas, comerciais, e entre elas uns rabiscos, vistos por leigos apenas como sujeiras e códigos ligados à criminalidade existente na cidade.

⁶ “O anarquismo é a ideologia dos anarquistas; os anarquistas são os partidários da Anarquia; a Anarquia (do grego ‘anarkhia’) é a ausência de governo, a ausência de autoridade instituída, a ausência de chefes permanentes num grupo humano”(COSTA, 1988, p.11).O movimento anarquista está assentado sobre quatro elementos: econômico: contra o monopólio da propriedade; - político: contra o monopólio da autoridade; - social: pela construção de uma sociedade tendo por base a liberdade, a igualdade e a fraternidade autênticas; - individual: pela supressão da autoridade nas relações cotidianas. (COSTA, 1988).

⁷*Crew* na cidade é o nome dado a grupos de pixação ou grafite, geralmente são selecionados dentro de siglas, os que se evidenciam.

⁸ Bombardeio: ações diretas de pixação de *tags* às vezes de forma colorida ou esteticamente viáveis, mas, feito de forma ilegal.

FIGURA 3: GRUPO DE MULHERES PRÓXIMO A AV. BRASÍLIA, NAS IMEDIAÇÕES DO SHOPPING



Fonte: arquivo pessoal, 2017

Compreender que existem sentimentos do sujeito em pixar, suas motivações, o que estão tentando transmitir a partir da escrita, o que pensam, o que almejam, é um desafio interessante que estou a desenvolver nesse diálogo entre autores e pixadores. Continuo essa discussão, abordando um ponto de vista de Maciel relacionando o sentido das transformações nas paisagens a partir da identidade territorial;

Com efeito, **as identidades territoriais encontram nas paisagens uma fonte de simbolismos e um meio de expressão privilegiado(...)**. Todas as paisagens são metonímias espaciais, isto é, encerram uma forma de pensar e de desenvolver o saber de referência ao espaço, articulando lugares particulares a totalidades territoriais. Isto se faz a partir do imaginário geográfico, de sentimentos identitários e de características materiais e culturais comuns que favorecem a sedimentação de certas representações ao longo do tempo (MACIEL, 2008, p12, grifos meus).

Em uma de minhas entrevistas, consegui perceber que a pixação tinha a característica apontada pelo autor: uma fonte de simbolismo. O autor explica que através de seus símbolos, muitas vezes incompreensíveis por alguns, os sujeitos conseguem se comunicar e por vezes transmitir informações, comunicar. Isso fica explícito na fala do pixador Caos que afirma na infância ter a curiosidade de decifrar a simbologia da pixação em Campina Grande muito antes de exercer a prática:

Conheci a pixação primeiro através de ônibus quando era pequeno, acho que 1995/96. Circula muito para casa de minha avó ali no Catolé, e me chamava

atenção os símbolos repetidos, aquilo ficava decorando fotograficamente gerando curiosidade. Via também nos filmes, quando passava as periferias de nova York e aquilo chamava minha atenção. Minha primeira ideia vinha de porquê? Depois disso veio a prática, mas rolava a curiosidade pela simbologia que me marcava muito (CAOS. Dezembro, 2016).

O que pude perceber a partir das entrevistas e das imagens registradas é o grau de seriedade que os sujeitos têm para com a prática da pixação. Isto revela o significado que tal prática tem na vida destes sujeitos, é o que se evidencia por meio da visão romântica, dos discursos de insatisfação social e das posturas políticas bem demarcadas. Alguns pixadores apontam regras fundamentais para êxito na pixação, regras que criam condutas às vezes aparentemente contraditórias, o que é interessante, pois a pixação aparentemente não tem regras. Som relata sua visão de regras para a pixação;

*Como toda pixação ela é um sistema tá ligado? Ela tem que ter regras, infelizmente, você não pode viver no caos, não tem como viver no caos, tem que existir uma regra, existir um sistema para tudo, mesmo que esse sistema quebre outro sistema, tá ligado? A pixação para mim, tem 3 (Três) regras básica: **É não atropelar o role do outro. Você espalhar o máximo possível o seu nome e, o melhor e o mais essencial de tudo, é você ter humildade.** Você com humildade chega a qualquer lugar (SOM. Dezembro, 2016).*

Som elenca algumas regras importantes a serem seguidas no movimento, o que achei peculiar, e que me levou a pensar um pouco nesse sistema de regras, e a confrontar com pensamentos de outros pixadores que informalmente, em experiência vividas nos transmitiram a ideia de que acreditam em uma pixação sem regras, sem precisar de espaços autorizados, não domesticada, sem restrição, criada para incomodar, ou seja, acaba se tornando contraditório, ao mesmo tempo que sabemos a existência dessas regras, mas, não de forma explícita, mas sim, nas entrelinhas, nas posturas de grupos e indivíduos.

De acordo com Som, uma das regras para a sua pixação é espalhar o máximo possível seu nome. Essa característica nos remete a pensar na necessidade de divulgação de seu símbolo na paisagem urbana, tal façanha é muito utilizada entre os grupos de pixação, que automaticamente adquirem respeito por esses pixadores. Isso me leva a buscar compreender esse processo de apropriação de paisagens em grande quantidade, o que farei mais à frente, não só como forma de comunicação entre grupos, nem muito menos como forma de protesto político-social, mas apontar características da inserção da pixação como forma de autopromoção e autovisibilidade. Ou seja, a busca de status de destaque entre os diversos praticantes, de ser notado pela sociedade. Para que isso

aconteça, é necessário se arriscar cada vez mais, isto se torna uma verdadeira disputa tácita, muitas vezes, totalmente declarada. Essas disputas se dão entre pixadores ou com outras formas de comunicação existentes na paisagem urbana, tais como propagandas, *outdoors*, entre outras formas.

Não “atropelar o role do outro” segue as linhas de respeito como código de conduta dos pixadores. Basicamente é uma regra geral que proíbe a ação de intervir sobre outra pixação, seja com um risco, seja colocando sua *tag* por cima do que já estava escrito lá. O fato de existir muitas outras paisagens, espaços em um muro, entre outros aspectos, faz com que para os pixadores seja inaceitável esse tipo de conduta, que é tratada como desrespeito não só ao dono do rabisco, mas ao grupo dele, ou ao movimento. Geralmente essas situações ocorrem quando há a disputa por território, que se dá pelas próprias disputas nas paisagens, e outras desavenças e, via de regra, tais tensões geram conflitos que às vezes se resolvem diplomaticamente, outras vezes, desdobram-se em brigas generalizadas, como tratarei mais à frente. Regras, a meu ver, que são contraditórias, pelo fato dos próprios praticantes afirmarem que a pixação não pode ser domesticada, ou controlada, sendo algo atribuído ao “instinto” do ser humano.

Outro ponto interessante abordado por Som foi à questão da humildade, como ponto essencial para a pixação, a meu ver, um pouco dual, dependendo das características de cada pixação. Existem aquelas produzidas para fortalecer o ego, a divulgação, a busca pelo ponto mais alto, ou o lugar mais visível necessariamente não vai ser percebida como forma de humildade, pelo menos não nesse aspecto, mas servirá para a autopromoção do nome, da “carreira” do indivíduo como pixador, em contrapartida, acredito que essa humildade relatada tem a ver com a simpatia com outros grupos.

Outras características atribuídas à pixação identificada por Caos são a dimensão comunicativa, a expressão política, a anarquia, o protesto. A intenção simbólica do uso destas características da pixação na paisagem é criticar algo que, na visão do sujeito, está errado:

A turma queria apenas pixar, tirar onda, beber, festas, que nem uma gang. Eu queria algo firme, organizado com ideologia que durasse mais de trinta anos, comecei a levar aos meninos a anarquia, uma filosofia, um posicionamento político, ideológico, fundamento social entendeu? Os meninos achavam muito interessantes, entendeu, aí, abraçavam. Formamos uma gang sim, mas que tinha toda uma ideologia (CAOS, Dezembro, 2016)

Essa visão de protesto é possível ver em algumas paisagens da cidade, sejam elas fazendo críticas a cenários políticos, sejam defendendo causas sociais, como visto nas figuras quatro e cinco (4 e 5), denunciando questões como aborto e legalização de drogas, a crítica a órgãos públicos e privados, entre outras denúncias.

Na figura quatro (4) consegue-se identificar pixações de grupos distintos na cidade, onde um reivindica as questões referentes aos votos nulos como forma de “boicote” as eleições municipais e a outra ligada a movimentos estudantis que acompanhavam a época recente do país, onde ocorriam boatos de golpe de estado e intervenção militar. “Ditadura nunca mais”, “não ao Golpe” “Vote nulo”.

FIGURA 4: ABAIXO A DITADURA, NÃO AO GOLPE, VOTE NULO. CENTRO DE CAMPINA GRANDE



Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

Na figura cinco (5), o alvo dos pixadores eram os Bancos localizados no Centro da cidade e em uma dessa investidas, escreveram a frase “pinta com os juros” no muro do Banco, em frente ao estacionamento de outro banco, fazendo alusão às taxas de juros inseridas pelos bancos nas contas da população, julgadas por eles como absurdas.

A pixação como protesto acaba se tornando eficaz principalmente quando essa prática agride esteticamente determinada paisagem. A figura 6 vai apontar mais uma forma de protesto em uns dos condomínios horizontais de luxo do bairro de Bodocongó, onde os pixadores apontam as construções de muros como segregação social.

FIGURA 5: LATERAL DO BANCO DO BRASIL, COM A FRASE “PINTA COM O JUROS”



Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

O autor da frase, MXU fez uma alusão à separação do condomínio, com a área de habitação do bairro, através de um muro, como as segregações existentes em diversas localidades, apontando a insatisfação e a discordância com a separação de classes sociais e a criação desses muros de separação.

FIGURA 6: MURO DE CONDOMÍNIO FECHADO NO BAIRRO DE BODÓCONGO (SEGREGAÇÃO SOCIAL SEU MURO REPRESENTA)



Fonte: Arquivo Pessoal, Fevereiro, 2017.

Por fim, nessa análise de paisagem não poderia deixar de abordar a questão estética, citada anteriormente, com relação aos tipos de pixação. É muito comum a diferenciação de grupos de pixação por padrão de letras, seguindo uma fidelidade às chamadas “caligrafias” ou letreiros de cada grupo.

Sobre essa forma estética Gitahy (1999) admite 4 fases da pixação da década de 1980 até a atualidade. A primeira fase, caracterizada pela quantidade de pixações espalhadas pela cidade, tinha como única ordem espalhar por toda a cidade o nome do pixador, sua “logomarca ou assinatura”, no intuito de sair do anonimato; a segunda fase é marcada pela competição, a inclusão de símbolos que identificam grupos, a modificação de letras para chamar atenção, causando a saturação do espaço das cidades; na terceira fase, os pixadores tinham a ideia de colocar seus nomes nos pontos mais altos, e os ataques a prédios e monumentos públicos como forma de desafiar não só a eles mesmos, mas chamar atenção da mídia e autoridades, uma forma de autopromoção; a quarta fase é marcada pelo auge na pixação, que é a tentativa de atrair a atenção das mídias, a busca por um incômodo urbano e também a autopromoção.

Sobre essa questão, “Caos” aponta a predominância de um dos estilos;

*Eu acho que hoje é muito forte, a modalidade prédio, que para nós da nossa época só víamos mesmo em São Paulo, ficávamos admirados, e hoje tem muito, apesar de não ser escalados, muitas modalidades que em junção com outras ficaram boas, que na época não fazíamos, e hoje são ações mais nocivas, “anarcos”, e que tem um resultado da porra, a gente admiramos pra caramba. Essa modalidade foi a que se fixou em quase todas as cidades, mas digamos que esquecendo isso, lembrando o que tá no chão também é muito importante. Acho que devemos respeitar quem tá em cima e respeitar quem tá embaixo e ver que na verdade nem tem ninguém nem em cima nem embaixo, **que é uma questão de estética e necessidade pessoal, eu quero ir ali, e tem que ir lá satisfazer você(...)** “Tag reto⁹” invadiu, esses dias vi que Campina Grande foi considerado uma das cidades mais pixadas do Nordeste (CAOS, Dezembro, 2016).*

Do meu ponto de vista, essa questão estética é ligada mais à questão do ego do pixador, onde muitas vezes os jovens arriscam a vida, para disputarem suas marcas com os grandes *outdoors* de marcas famosas, em busca de espaço, de ser reconhecido entre os seus por suas ações. Para o pixador, se faz necessário colocar seu nome “tag” em locais cada vez mais difíceis, desafiando autoridades, e a própria sociedade, até mesmo sua própria natureza, seu próprio corpo, tendo como símbolo o prazer de deixar sua marca, a satisfação de vê-la pronta, dividindo espaço com outras marcas. A pixação pode ser considerada muitas coisas ao mesmo tempo: intervenção, arte, protesto, política, vagabundagem, *marketing*, transgressão, desacato, depredação, vandalismo, crime e uma série de outros significados. Na verdade, uma complexidade, um símbolo carente de ser cada vez mais estudado e aprofundado em várias vertentes acadêmicas.

⁹Tag reto – É o nome dado a uma Característica de pixação mais reta, iniciadas no Sudeste, principalmente em São Paulo, geralmente letras mais legíveis, com a utilização de símbolos.

Com esses pontos abordados, acredito ter desmistificado de forma considerável algumas características importantes sobre o tema proposto, compreendendo do que se trata o movimento, e de que forma é realizada sua interferência nas paisagens, assim como seus significados, e alguns motivos que nos permitirão seguir adiante nesta atividade e que, de certa forma, passa despercebida aos olhos da sociedade. Abriremos as cortinas para desvendar mais algumas dessas características geográficas.

2. AS REUNIÕES, UMA FORMA DE APROPRIAÇÃO TERRITORIAL

Neste capítulo do trabalho, tratarei sobre as formas de convivência exercidas em reuniões e locais de encontro de pixadores, não apenas no intuito de mostrar o grau de organização do movimento. Também espero desmistificar um pouco mais as questões territoriais que envolvem essas reuniões, assim como os laços de afetividade que marcam os locais utilizados. Da mesma forma, pretendo analisar o processo de territorialização e desterritorialização que é construído nestas reuniões.

Como forma mais didática, resolvi iniciar este capítulo, partindo de um fator geográfico relevante para este trabalho, que são os “santuários”. Esta escolha me lançou para além do ambiente dos “santuários”, em si, analisando, inclusive, as reuniões que neles ocorrem. Utilizei, como procedimento para início da pesquisa, a Pesquisa participante, segundo Santos (2012)

Por ser crítica-dialética, a Pesquisa Participante busca envolver aquele que pesquisa e aquele que é pesquisado no estudo do problema a ser superado, conhecendo sua causa, construindo coletivamente as possíveis soluções. A pesquisa será feita com o envolvimento do sujeito-objeto. O pesquisador não só passa a ser objeto de estudo, assim como os sujeitos-objetos são igualmente pesquisadores onde todos, pesquisador e pesquisados, identificam os problemas, buscam-se conhecer o que já é conhecido a respeito do problema, discutem as possíveis soluções e partem para a ação, seguido de uma avaliação dos resultados obtidos. (SANTOS, 2012).

A Pesquisa participante foi escolhida pela relação que adquiri com os grupos de pixação, uma vez que os conheci a parti de amigos, que faziam pixações e sabiam do meu interesse em trabalhar essa prática. A confiança só foi estabelecida depois de alguns meses, foi quando senti a necessidade de praticar a pixação para aproximar ainda mais dos grupos. A aproximação se deu com o primeiro convite ao *point*, aceito de bom grado. A partir de então, comecei a conhecer de fato os grupos e as pessoas envolvidas na prática e essa inserção ao movimento de forma participativa, tornando-me sujeito e objeto de estudo na perspectiva de ajudar o movimento.

As entrevistas semiestruturadas foi técnica utilizada, sendo aquela que estabelece um conjunto de questões básicas e aplicadas a cada indivíduo a fim de registrar o maior número de particularidades possíveis. Foi utilizado um gravador e uma folha comas perguntas para nortear a entrevista. O primeiro entrevistado foi Caos um dos pixadores

mais antigos, sua escolha foi pelo fator histórico, tendo em vista, seu conhecimento e experiências no início dos anos 2000. Caos era um líder do grupo LPE., e foi o responsável pelas informações referentes aos santuários. O segundo foi o pixador Som, sua escolha foi devido a quantidade de pixações na cidade, as frases de protesto. Som também é líder de um dos grupos mais atuantes, A OSPI (Os pixadores insanos), foi o responsável por abordar e desmitificar a questão dos points. O terceiro entrevistado teve dificuldades de marcar um horário para nos reunirmos para a entrevista, achando preferível, por meio das redes sociais, responder algumas de minhas perguntas relacionadas ao grupo do qual é líder. O Cegos, da PMO,

Apresentarei, nos tópicos abaixo, as finalidades das reuniões ou *points* da pixação, assim como a territorialidade exercida nesses locais. Para isso, trataremos primeiro do fator histórico, que é o surgimento dos santuários que movimentaram a pixação em Campina Grande por muitos anos.

2.1. Santuários

Sobre a existência dos “santuários”, a primeira informação foi obtida na entrevista concedida por Caos e em conversas informais com ele e outros pixadores em que relatam uma subdivisão da cidade, não por bairros, mas por áreas de atuação de alguns grupos, e essas subdivisões como fator responsável pela criação de locais símbolos para eles:

As três Crews (OPZ, LPE e PZO) cresceram ao ponto de não terem localidades definidos e sim, vários locais. Chegando até a invadir os bairros uns dos outros, isso me lembra que entrou até em questão a existência dos “santuários” (CAOS, dezembro, 2016).

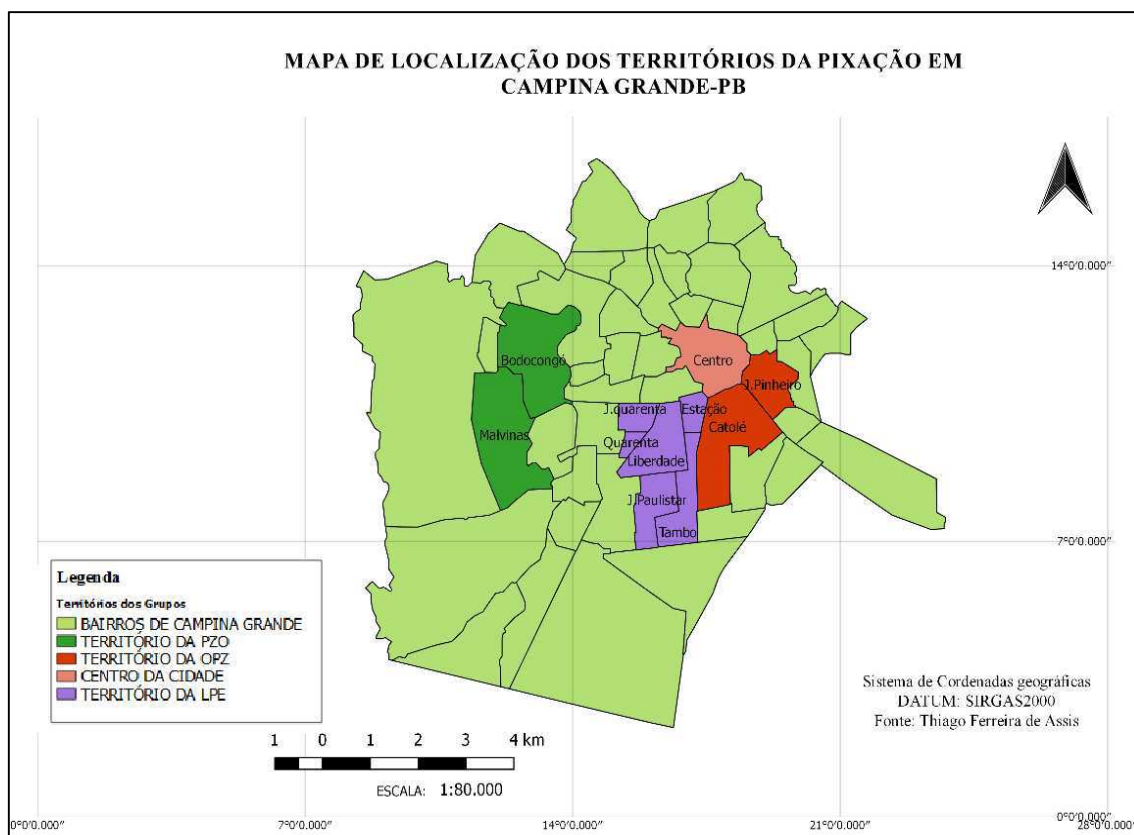
Através dessa primeira informação, foi perceptível a existência de uma divisão entre os primeiros grupos que exerciam a prática da pixação na cidade, com isso surgiram alguns questionamentos, principalmente sobre como eram exercidas essas divisões e porque existiam. Na própria entrevista, percebi que o que consistia era uma transterritorialidade, uma divisão entre as áreas de atuação, proveniente do local de fundação de cada grupo, ou seja, divisão entre os bairros, que concentravam o maior número de pixadores de determinados grupos, que conseqüentemente eram evidenciados a partir da quantidade de pixações nessas localidades. Sobre essa divisão alguns trechos a seguir exemplificam e mapeiam as primeiras áreas de atuação:

*[...] esses conflitos ocorriam por zonas. Começaram a existir ataques, da LPE para a PPZ, da PZL a LPE, mas sabíamos que o foco era OPZ e LPE, que eles (se referindo a OPZ) começaram a anular, queimar algumas pixações nossas ali no Açude Velho, não sei por que, talvez por achar que estávamos **chegando perto demais do bairro deles que era o José Pinheiro** [...] Não posso deixar de informar que em 2000 descobrimos a zona oeste, que era o canal, as Malvinas, os punks, eram muito isolados da gente, e isso é a prova viva que o Centro é consequência. Tinha a PZO que foi a terceira mais importante e muito grande, mais de 15 tags diferentes, com padrão e altamente organizados. Dentro de seu bairro (Malvinas), por ser longe do Centro. Até porque tudo nosso era no Centro. [...]. É a melhor sensação ter aquela região toda no mínimo dominada, no mínimo, com respeito aos outros que dominam em seus lugares, a LPE adora isso, o Centro, a Liberdade. Paulistano, quarenta, Tambor, que é um berço meu, pelas galeras (Caos, dezembro de 2016).*

Nos relatos acima foi possível reconhecer a divisão territorial que existia entre as três maiores siglas (grupos) da época (LPE, OPZ e PZO), e para uma maior compreensão, elaborei um mapa com base o depoimento do Caos, assim como de outros pixadores, além do conhecimento próprio, sobre esses territórios de atuação, que eram históricos o mapa 1 exemplifica bem como era subdividido.

O processo de territorialidade exercido e exemplificado no mapa me remeteu analisar a divisão apontando-as como expansionistas, pelo fato de que, dia após dia, cada sigla aumentava seus territórios, sobrepondo-os, conforme mostra o quadro 2, abaixo, extraído de Lévy (1992 *apud* HAESBAERT, 2009). Que identifica um tipo de território como rede hierarquizada, demonstrando o processo de superposição geográfica, o que indica uma territorialização semelhante às questões territoriais existentes na pixação em Campina Grande. Essa sobreposição altera as paisagens, de forma aparentemente homogênea, na perspectiva dos não iniciados. Ou seja, para estes, tudo é considerado meramente pixação, sujeira, por assim dizer. No entanto, para os sujeitos inseridos no movimento, os signos são reconhecidos, bem como a quem estes pertencem. Podemos perceber, portanto, conflitos e tensões que denunciam que a paisagem está repleta de territórios que se sobrepõem, o que pode ser compreendido como transterritorialidades.

MAPA 1: LOCALIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DOS PRINCIPAIS GRUPOS DE PIXAÇÃO EM CAMPINA GRANDE NA PRIMEIRA DÉCADA DOS ANOS 2000



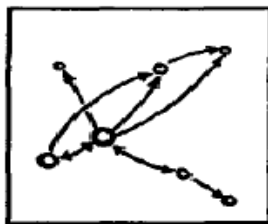
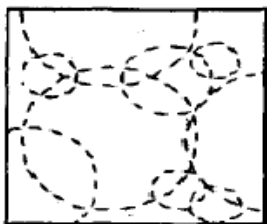
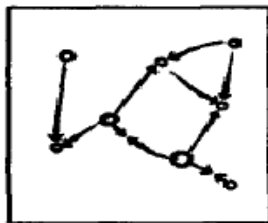
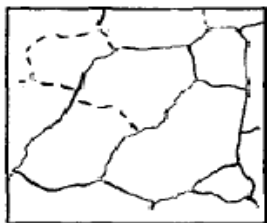
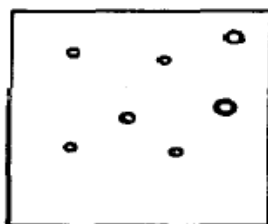
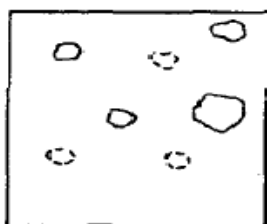
Sobre essa superposição, que é o território sobre outro, proveniente de atividades marginais explicadas acima e exemplificada no quadro 2, de J. Levy, originadas da periferia, a pixação, me faz pensar nesses territórios, que muitas vezes conflituosos, como no caso de disputas que chegaram a ser não só de pixadores, mas de bairros, como aglomerados, em um sentido de confusão, território sobre outro territórios, no que Haesbaert (2009) vai apontar como “um caos” e “desorganização, pelo volume e crescimento desordenado que eles envolvem”, sendo resultados de uma malha de múltiplos territórios e redes que se sobrepõem, ou que simplesmente os transpassam, como no emaranhado de disputas territoriais (p. 186-187).

Há momentos, que a reterritorialização “marginal” se impõe de tal forma que o que era um aglomerado passa a conformar nítidos territórios, segregados, porém internamente coesos e “seguros” para quem partilha de suas regras e valores (*ibid.*, p. 187). Os territórios dos pixadores seguem essa linha de conflitos, a sobreposição pode

tornar-se um caos, daí que ocorrem as transterritorialidades, e que por vezes excludente, para os de fora, e seguro para quem está nele e segue suas regras.

QUADRO 2: OS MODELOS OU SISTEMAS SOCIAIS PROPOSTOS POR J. LEVY

Áreas (e fronteiras) **Fluxos (e pólos)**



1. *conjunto de mundos*
– Territorialização
“tradicional” radical
(alteridade máxima)
Geograficamente descontínuo
– “tribalismo”.

2. *Campo de forças* –
“territorialização “moderna”
geograficamente
contínua/contígua –
nacionalismo.

3. *Rede hierarquizada*
– desterritorialização/
hierarquização dominante
Superposição geográfica –
globalização.

Fonte: Lévy, 1992 (*apud* HAESBAERT, 2009, p.175),

O quadro de Lévy aponta alguns modelos de sistemas sociais que exemplificam movimentações geográficas, territorialização e desterritorialização. A utilização desse quadro tem como objetivo apontar o item de número três, em que aponta o modelo de rede hierarquizada, que segue um modelo globalizado de territorialidade, a superposição. Como visto, essa superposição implica na territorialização e desterritorialização, em que o mesmo território pertence a dois grupos, ou mais, em um processo de hierarquização dominante. A mesma situação é encontrada na pixação, nos relatos de Caos no início do tópico, quando aponta a falta de locais definidos para os grupos, essa é um exemplo dessa sobreposição. Na medida em que os pixadores invadem outros territórios, e lá o marcam, o território não deixa de ser do antigo grupo, porém, adquire características de outro grupo, junto a sua territorialidade.

Em diálogos entre membros de grupo, surge a perspectiva e a ideia de um local fixo para um dos grupos, um ponto de apoio, **um lugar**. Caos relata um pouco da história:

*Aí chegou um momento de uma conversa dos caras da gang rival, ele informou que em Recife existiam locais sagrados para cada grupo, foi ali que revelei que já tínhamos há muito tempo, aí botamos o apelido de santuário, essa coisa pegou, mas era coisa séria, não era um lugar sagrado com dogmatismo, **mas tínhamos ali como um lugar, uma ruína que ficaria em nossas memórias nostálgicas para o resto da vida. Virou “santuário” e é santuário e vai ser santuário para o resto da vida até a gente “ficarmos” velhos.** Era um lugar onde tínhamos o zelo maior, uma sede, um templo, parecia até um castelo, preservávamos pela invasão de outras pessoas, e nunca invadiram. **A gang rival¹⁰ nunca conseguiu colocar um Tag naquele lugar, até hoje não entendi o porquê, por respeito não foi.** Esse lugar guardava nossas primeiras tintas, os primeiros “wildstyles” feito com mato, carvão, tags em fase de criação, os batismos eram ali, antigamente usávamos muitos simbolismos, quando um cara queria entrar no grupo tinha que se batizar, ir lá, deixar sua assinatura, doar umas latas para a galera, a LPE tinha muito disso (Caos, dezembro, 2016).*

Caos em suas palavras sobre o “santuário” enaltece e valoriza o que ele chamou de “ruínas”, mas que ficou na memória dos frequentadores. Percebemos certo romantismo no que se refere ao ambiente do santuário, uma afetividade, considerando aquele local como seu lugar, assim como um cuidado, um zelo, um lugar que expressava o início de cada um daquele grupo, marcado por histórias, planejamentos, entre outros aspectos que faziam desse local, um lugar, repleto de afetividade.

Sobre lugar HOLZER (1999) apresenta a noção proposta por TUAN (1979):

*Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação (*fields of care*), mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. (TUAN, 1979 *apud* HOLZER, 1999. p.70).*

Ou seja, o que Tuan aponta é a importância que é dada a um “lugar” ou espaço vivido, principalmente pelas relações humanas, e que esses lugares podem surgir a partir de lugares públicos. Mais à frente, HOLZER (1999, p. 72) trata essa questão do estabelecimento de lugar através das forças emocionais, mencionando que a constituição

¹⁰ Trata-se da OPZ que como abordamos no capítulo um 1 exercia junto a outras *crews* verdadeiras disputas, sejam elas entre os próprios membros de grupos, ou entre grupos rivais. Essa disputa foi um dos temas principais de sua obra de DUARTE, o conflito entre OPZ e LPE, algo que muitas vezes se expandia fora do contexto ideológico de pixação e adentrava outras disputas, como no caso de torcidas organizadas e facções de bairro. Em relatos de Caos, foi comentado que chegaram a brigar, se ameaçarem, entre outras formas de agressão.

efetiva dos lugares necessita de um longo tempo de residência e um profundo envolvimento emocional.

Da afinidade com esses locais, interpretados por Caos como “lugar de valor incalculável” (*sic*), consegui compreender que os pixadores atribuíam um importante significado para um ambiente antes abandonado, agora ressignificado a partir da sensação de segurança e do sentimento de posse (cujo proprietário real era desconhecido), construindo assim um sentimento de pertencimento.

Algumas das funcionalidades deste local são expostas no trecho da entrevista, com Caos;

Esse lugar guardava nossas primeiras tintas, os primeiros “wildstyles” feito com mato, carvão, tags em fase de criação, os batismos eram ali, antigamente usávamos muitos simbolismos, quando um cara queria entrar no grupo tinha que se batizar, ir lá, deixar seu tag, doar uma lata para galera, a LPE tinha muito disso (Caos, dezembro 2016).

As declarações nos levam a enxergar esse ambiente como uma espécie de casa para o grupo LPE, uma espécie de território próprio, lugar de suas afinidades, celebração de seus rituais de iniciação, planejamento e congratulações, ou seja, um local com significado não apenas simbólico, mas funcional. Caos continua essa sua descrição do lugar;

Era um galpão muito grande, onde hoje é a empresa Rio do Peixe, estava abandonada, e pela proximidade da Liberdade, a Pirâmide e skate (o meio de transporte), movimento de rua, hip hop surgindo ele remeteu muito ao tag e ao grafite, utilizávamos esse lugar muito como teste pra pixações novas, letras, mas nunca pensávamos esse lugar como uma casa, mas foi quase que natural, quando passou um ano que frequentávamos diariamente aquele lugar, que era dominado, começamos a ficar à noite ouvindo rap e tomando vinho (CAOS, dezembro de 2016).

A partir do que foi relatado por Caos, consegui identificar um processo de territorialização no ambiente antes considerado abandonado, ou em ruínas, e que gradativamente sofreu um processo de apropriação, pelos pixadores, que colocaram suas características simbólicas, adotaram o espaço como seu, uma espécie de apropriação territorial. Sobre essas características, Andrade (1995, p.20) explica que “a formação de um território dá as pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialização que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas” (ANDRADE, 1995, p.20). Ou seja, ocorre uma territorialização pelos pixadores, mesmo sendo um território privado, e com isso acaba o

santuário se tornando território do grupo, que utiliza seus símbolos a fim de demarcar toda aquela área como sua.

Sobre essa simbologia utilizada como forma de apropriação, assim como o símbolo que aquele território de afetividade se torna para os sujeitos, Bonnemaïson (2012) vai explicar que

Os símbolos ganham maior força e realce quando se encarnam em lugares. O espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações: em sua expressão mais forte torna-se território-santuário [...] um território escondido onde possa se dobrar sobre si mesmo e melhor ressurgir [...] estratégico (BONNEMAISON, 2012. p.111).

O autor identifica em sua obra que há símbolos que existem em determinados lugares que os transformam em territórios. Um território com estes aspectos, só é assim definido porque está impregnado de características do grupo (sejam elas concretas ou abstratas). É, portanto, um lugar, mas é também um território porque é estratégico. Ao mesmo tempo em que propicia a criação de laços afetivos entre o grupo, o mesmo recorte espacial também reforça um papel de amálgama, tornando-se mais que base material, é parte dos símbolos do grupo, assume o caráter sagrado, por isso o título de “santuário” é tão relevante. No caso analisado, tais símbolos tornaram o lugar um “quartel general” do grupo. Essas características territoriais de apropriação podem ser identificadas através da leitura das paisagens, principalmente quando se trata de grupos de pixação.

A relação de afetividade que faz o ambiente se tornar seu território, seu “quartel general”, acaba criando um sentido de guerra, de disputas, e muitas vezes era o que acontecia. Segundo alguns pixadores, tomar um “santuário” significava alto grau de transgressão entre os grupos, tornando-se uma espécie de desafio de pixadores, e foi quase isso que aconteceu, segundo Caos;

Com o passar dos anos acho que final de 2005, outras subsiglas passaram a frequentar o local, até mesmo a PZO foi lá, deixou 3 tags, deixaram mensagens e nunca vimos aquilo como afronta. Até que a OPZ disse que também tinha um santuário e não sabíamos onde era, gerou essa curiosidade de um saber onde era o do outro. Tinha muito o lance do blefe, dizendo que o santuário era em tal lugar, e chegar lá no outro dia e estar todo pixado com os dizeres, INVADIMOS, CHEGAMOS (Caos dezembro, 2016).

Percebi semelhanças entre as características do “santuário” com as características geossimbólicas de Bonnemaïson, semelhança afetiva, por se tratar de um lugar simbólico e cheio de história de cada personagem que dali fizesse parte. A descrição das ruínas

indicou o papel do lugar, porém interessante foi perceber que ao mesmo tempo outros grupos da cidade não o possuíam, ou não gozavam de um ambiente tal como o da LPE, ou talvez não demonstrassem tanta importância em terem esse “quartel general”. A OPZ, segundo um dos integrantes atuais, em conversas informais relatou que utilizava muito uma das pracinhas do bairro de José Pinheiro para fazerem suas reuniões, mas também utilizavam outros locais. Não existem registros de “santuários” da PZO. A PMO geralmente se encontrava em uma das quadras do bairro (Malvinas) em que residiam e esse lugar é repleto de pixações, indicando que se trata do território do grupo. É importante ressaltar que, em três anos de acompanhamento desse grupo, percebi que, existia entre eles uma valorização da área que moravam, e automaticamente consideravam o bairro como um território seu, tinham prazer em deixar suas marcas lá. Tinham o próprio bairro como um afeto, algo seu, que representava, e pelo percebido, queria fazer do bairro a imagem do grupo, pixando tudo. A priori, imaginei que o real sentido deste lugar de dominação era o engendramento de um “quartel general” não apenas para o planejamento, mas como forma de um grupo ser respeitado pelos demais grupos.

Um dos principais pontos que me levaram a levantar esta hipótese foram os relatos informais que os pixadores fizeram, descrevendo a questão da disputa, a busca por esses locais (“santuários”) com o propósito de invadir o território do rival, riscar tudo, ou seja, transgredir ao máximo todas as regras, as da sociedade e, inclusive, as dos pixadores. Essas conversas informais foram conversas não gravadas nas entrevistas, entrevistas essas que ocorrem em locais distintos, a primeira com Caos aconteceu em um local para ele, simbólico, pois era em um dos pontos de reunião do seu grupo, inclusive, um dos amigos dele, participou da entrevista lembrando fatos acontecidos e que instigou ainda mais a entrevista.

A entrevista com Som, foi feita na casa dele, por ter um vínculo mais forte, debatíamos livremente sobre o tema, até a mãe dele chegar. Tivemos que interromper a entrevista, que só foi concluída dias depois, e que aconteceu sem o questionário base, mas em uma conversa informal com outros membros de seu grupo

O pixador Som relata “que foi ao bairro do José Pinheiro com outro amigo à noite e revelou que só o fato de estar na área da OPZ, o instigou a pixar tudo que via pela frente”. Atitudes como essa acabaram reforçando a ideia de “santuários” como base para uma transterritorialidade.

E sobre essa territorialidade, notam-se algumas semelhanças com o objeto de estudo, e alguns autores vão abordar a importância do território e suas relações de poder, assim como acontece no “submundo” das pixações, especificamente nessa disputa por encontrar o santuário do grupo rival. A disputa pelo território, valorizado pelas siglas que demarcam os locais de origem dos grupos, remete ao que Souza (1995, p.87-88) afirma quando diz que o território é antes instável que estável, abordando-o como relação social projetada no espaço (seja ele, concreto ou não), assumindo, muitas vezes, caráter periódico, podendo durar anos, meses, dias ou horas.

O que consegui compreender ao relacionar a abordagem do autor à realidade em estudo foi que, como mecanismo de formação territorial, os “santuários” analisados são territórios geossimbólicos, espaço de apropriação, com temporalidade indefinida, assim como com importância variável a depender do momento. Portanto, não deixa de ser um geossímbolo, por trazer toda a bagagem cultural de um grupo, onde “estão nossas memórias nostálgicas”, como disse CAOS. Um lugar simbolizado como resistência, “quartel general”. Uma afetividade extrema para uma ruína. Os “santuários” a meu ver, podem ser considerados geossímbolos e também local de disputas territoriais.

O “santuário”, como lugar de aproximação de membros de gangs ou grupos de pixação, cedeu a vez para outra forma de territorialidade, agora mais abrangente, mais atual, mas com a mesma essência, talvez com os mesmos objetivos, e que como afirma Marcelo Lopes de Souza (1995, p. 81), “territórios são construídos (e desconstruído) dentro de escalas temporais, os mais diferentes: séculos, décadas, anos meses ou dias”, essa forma de apropriação territorial se dá a partir dos chamados “Points”.

2.2. As reuniões (Points)

Os *Points* relatam um pouco da história atual da pixação em Campina Grande. Sobre o que são, como funcionam e outras características, Som aborda sua origem a partir de algumas festas, pela facilidade em encontrar outros pixadores;

Quando rola uma festinha que sempre a galera vai tá colando, tá ligado? É onde geral cola, aí começa a juntar a galera que faz os nomes, quando você olha está um point, tá ligado? Que é a reunião da galera, tá ligado? Onde a galera se encontrou, e la é como se fosse um lugar sagrado, tá ligado? Pra galera do pixo, tem que, manter o respeito entre todos. (Som, dezembro, 2016, grifo meu).

Mais à frente, ele aponta como aconteciam essas reuniões, de forma individual, mas que ainda seguiam a linha de territorialidade exercida pelos “santuários”, e indica uma característica nova adotada por eles, a questão da socialização entre os distintos pixadores.

Antigamente os points eram muito privados. Por exemplo, se tivesse um point da zona X, só colava zona X, e zona Y não podia colar naquele point porque se fossem era uma falta de respeito tá colando nessa zona, hoje em dia não, a galera cola em todas as zonas e vai trocar ideia nos points e também a galera vai trocar lembranças com as folhinhas, como forma de aliança, de humildade e respeito (Som, Dezembro, 2016, grifo meu).

A partir do que foi exposto em entrevistas pelo pixador “Som”, comecei a pesquisar sobre o tema, mais precisamente, sobre as funcionalidades desses ambientes, os *points*. Alguns questionamentos foram surgindo quase como de imediato, os quais foram de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa, dúvidas que giravam em torno de saber quando, onde, e por que dessas reuniões, como eram exercidas assim como as consequências delas. Por meio da pesquisa participante, com a ajuda das redes sociais (*facebook* e *whatsapp*), adentramos a segunda fase da pesquisa, que foi a de participar dessas reuniões, socializar com os pixadores procurando entender essa parte do movimento. Essa fase da pesquisa nos propiciou conhecer um pouco mais a fundo o movimento que será abordado nos próximos parágrafos, não apenas o que foi relatado nas entrevistas, mas, o que foi visto, vivido e explicado nas entrelinhas pelos próprios pixadores junto às minhas percepções geográficas sobre o tema.

A primeira reunião na qual participei foi em um local histórico da cidade, conhecida como rua das Boninas¹¹. **As Boninas (como a rua é conhecida) será o único local de reunião especificado no trabalho por pedido dos próprios pixadores que querem preservar o sigilo dos outros *points*.** Esse segredo segundo os entrevistados é uma forma de preservar seus locais de reuniões assim como a própria segurança. Essas reuniões geralmente ocorrem durante os períodos noturnos e se estendem durante a madrugada. Por muito tempo permaneciam se reunindo no mesmo local, que ganhava nome e conseqüentemente a estética, assim como as paisagens ao redor desses locais começavam a ser modificadas. Uma das evidências sobre essas alterações está em uma

¹¹ A Rua Félix de Araújo, conhecida como rua das Boninas, é um dos endereços tradicionais na história de Campina Grande. Localizada no Centro, as Boninas já foram cemitério, centro industrial, espaço de vida boêmia e agora é dividida por restaurantes, estacionamentos, lojas, pousadas e casa de show. Fonte: g1.com Fonte: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/10/rua-historica-de-campina-grande-boninas-sofre-com-vandalismo.html> (retirado no dia 24 de julho, 2017)

reportagem exibida pelo Jornal G1.com no dia 10/10/2015 cujo título está na figura abaixo, denunciando o excesso de pixações exatamente no local onde ocorrem os “points”. Nesta ocasião, a matéria relata a falta de respeito, o incômodo, e as consequências dos atos naquele local “A parede do comércio dele já foi ‘pichada’ várias vezes e ele desistiu de pintar novamente. “[...] de noite aqui não tem segurança. Depois dessas festas e da abertura dessa casa de show tudo ficou pior”, lamenta.

O *point* do Vitrola, geralmente ocorria no período noturno, principalmente em dias de festa na região, onde os grupos se reuniam para fazerem seus rituais de companheirismo¹², conversar, curtir a festa, beber, entre outras atividades típicas de movimentos jovens. No meio do grande grupo de frequentadores, à parte se encontravam os pixadores, mais isolados, que carregavam suas ferramentas preferidas: o spray, o rolo e uma garrafa pet cheia de tinta.

FIGURA 7: TÍTULO DA MATÉRIA DO JORNAL SOBRE AS PIXAÇÕES NO CENTRO HISTÓRICO



Fonte: g1.com.br/Pb retirado dia 16/06/2017

O motivo da reunião, desde o início era perceptível, buscavam o diálogo entre eles mesmo, a união. A confraternização, o planejamento de ações em diversos lugares da cidade, a troca de experiências entre indivíduos e grupos e também algo interessante que

¹²Tomei a liberdade de nomear como “rituais de companheirismo” a forma como eram realizados os points, os ritos frequentes por eles produzidos nos points, seja as folhinhas de pichação assinadas, seja as histórias de rolê contadas, os rolês de grupos depois do point, que sempre aconteciam.

era a troca de folhinhas. Essas folhas, ilustradas na figura 8, eram consideradas importantes para alguns pixadores, que relatavam que elas mostravam a identidade deles, uma espécie de legado que um pixador deixava para o outro e funciona como uma cordialidade entre os pixadores que escrevem suas *tags* nessa folhas para deixar registrado que estavam na reunião, ou seja, uma recordação para os outros pixadores. Alguns deles guardam essas folhas como forma de mais à frente terem uma lembrança dos amigos, já que muitos abandonam a prática, outros que se envolvem com práticas criminosas como roubo e tráfico de drogas acabam presos ou sendo assassinados, e essas folhinhas “agendas” para eles são formas de mostrar a humildade de um pixador para com o outro.

FIGURA 8: FOLHINHA DO POINT COM SÍMBOLOS



Fonte: (Arquivo Pessoal, 2017)

Na figura 9, há o registro de um momento importante, que é parte dos pixadores na área do “*point* do Vitrola” onde percebi que estavam segurando uma das “folhinhas” registradas e uma lata de spray, como símbolos deles próprios.

FIGURA 9: REUNIÃO DOS PIXADORES NO POINT DO VITROLA

Fonte: (Arquivo Pessoal, 2016).

Ao me deparar com a localização de um dos *points*, acredito ser importante descrever o que conseguimos identificar no ambiente e em cada situação observada. Mais que isso, registrar a paisagem que envolve o lugar é o primeiro passo para desmistificação dos *points*. Na pesquisa, consegui frequentar o ambiente durante a noite nos períodos de festas e assim registrá-lo. Também tive a oportunidade de acompanhar a dinâmica diurna daquele lugar, onde ocorrem movimentos distintos. Durante o dia, funciona ao longo de toda a rua do *point* comércios, bares, restaurantes estacionamentos, entre outros serviços que desenvolvem uma dinâmica na área. O fluxo de pessoas é constante, uma dinâmica comum, um território de uso do comércio e serviços.

Durante a pesquisa, foi nos feito o convite por Som, para frequentar o Point, conhecer o restante do pessoal, foi uma experiência ímpar. Para conhecer outros pixadores perguntava se o cara tinha algum *tag*, caso tivesse, logo pedia para que assinasse na agenda. Quando era alguém que se destacava entre os pixadores por ter vários nomes espalhados pela cidade, o pessoal ficava animado em conhecer.

A situação muda durante o período noturno. Logo, assim que acaba o expediente dos comerciantes da área, o local antes povoado por trabalhadores, clientes e automóveis, se torna um espaço pouco frequentado e ermo. É perceptível a sensação de insegurança. Sem vigilância, facilita a prática de crimes e atividades consideradas marginais como a prostituição e a pixação. Os pixadores territorializam aquele espaço deixando suas marcas, como mostram as figuras abaixo.

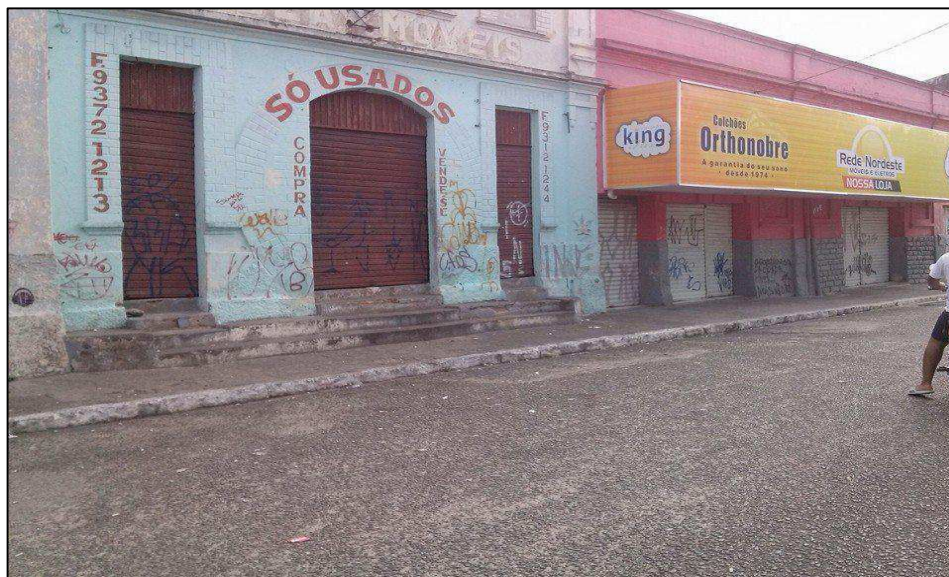
FIGURA 10: PIXAÇÕES NAS RUAS DAS BONINAS

Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

A quantidade de pixações encontradas nas proximidades da casa de show é abundante, evidenciando as disputas pela paisagem, que agora é repleta de símbolos, demonstrando a presença de distintos grupos naquela localidade. É possível ver alguns sinais de disputa por territórios, principalmente no sentido de se apropriar dos melhores pontos possíveis da paisagem, na perspectiva dos pixadores¹³, e essa disputa é alimentada quando um deles consegue deixar seu *tag* registrada em locais onde todos querem pixar. Existe a disputa por quem chega primeiro, quem se arrisca mais e a partir do momento que o pixador consegue colocar seu nome mais alto que o dos demais é gerado certo grau de disputa, às vezes consideradas saudáveis e que modificam cada vez mais a paisagem do território dos *points*, ao mesmo tempo tentando chamar atenção para o seu *tag*. Essa dinâmica se dispersou pela cidade. Nos *points* há maior grau de ocorrências, por ser um local onde se reúnem várias vezes, uma forma de socializar entre eles mesmos, mostrar “disposição” como eles mesmos falam.

¹³ A perspectiva dos pixadores acerca dos melhores pontos de pixação são os elencados por altura, local de fluxo de pessoas e grau de dificuldade, ou seja, a altura faz com que mostre o quão corajoso ele é, locais de fluxo para alcançarem o número máximo possível de pessoas e dificuldade é a questão do ego de cada pixador.

FIGURA 11: PIXAÇÕES NAS PORTAS DOS COMÉRCIOS DAS BONINAS



Fonte: (Arquivo Pessoal, 2016).

No local, está situada uma “casa de show¹⁴” privada, que oferece alguns atrativos, tais como música eletrônica, rap, reggae etc. e que semanalmente reúne diversos segmentos sociais, entre os quais os pixadores dos diferentes grupos da cidade. O surgimento do Extensão Vitrola, que de certa forma cria uma dinâmica na área, junto aos fatores, segurança e baixo fluxo de pessoas, faz com que a área se torne um lugar propício para que ocorram as reuniões entre os pixadores, que passam despercebidas em meio aos variados segmentos sociais. Local ideal para aqueles que prezam pelo sigilo de suas verdadeiras identidades, apesar de sempre quererem o reconhecimento, inclusive de outros grupos além do universo da pixação. Locais como o Extensão Vitrola, tornam-se territórios, ainda que múltiplos. Uma nova territorialidade se apresenta neste lugar.

Ao me deparar com essa dinâmica, notei que ela não ocorre apenas nessa área da cidade, tampouco somente em Campina Grande. O mesmo fato foi percebido em João Pessoa e Recife em situação inusitada. Mesmo considerando que não sejam alvos de análise ora realizada, foi possível perceber que a dinâmica em Campina Grande não é isolada. Este fato permitiu associar o território dos *points* a um tipo de fenômeno que

¹⁴ O Extensão Vitrola era uma casa de show e bar que tocavam músicas de época, assim como promovia festa temática que envolvia vários movimentos sociais e culturais da cidade: LGBT, Movimento Hip Hop, Roqueiros, entre outros. Foi por muito tempo o único espaço para esses movimentos que mantinham suas programações diariamente. O estabelecimento foi fechado pela falta de segurança. O lugar reunia semanalmente há 7 anos a comunidade formada por estudantes, intelectuais e jovens ligados de alguma maneira à atividade cultural.

SOUZA (1995 p.87) aponta como “territorialidade flexível” sendo ela antes relações sociais projetadas no espaço, do que espaço concreto, podem se formar e se dissolver, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido, ser mais instáveis que estáveis, ter existência regular ou periódica, podendo ter duração, até mesmo, de alguns momentos. O autor exemplifica um território semelhante ao *Point* do Vitrola, onde durante o dia, ocorrem atividades “normais”, o comércio e o fluxo de pessoas funcionam de forma ativa, e à noite, os sujeitos mudam, e o território passa a ser dominado por grupos marginais e subalternizados tais como os movimentos de pixação, de hip hop, LGBT, entre outros que se apropriam daquela área, abrangendo assim um caráter cíclico, de apropriação funcional, que dura poucas horas, construindo um processo de territorialidade muito particular. O *point*, portanto, não é apenas um lugar é um evento. Não se vai ao *point* apenas, ele se realiza.

Segundo o autor, esses territórios são um campo de força, uma teia de relações sociais projetadas no espaço, que se separam entre os que estão dentro, “nós”, e os que estão fora, “os outros”, tornam-se flutuantes, podendo ocorrer expansões, e por vezes os limites são instáveis, ou seja, não acontecem de forma pacífica, existe o conflito. Às vezes de forma ideológica, com outros grupos que compartilham o território, sejam eles outros pixadores ou outros segmentos. Às vezes de forma ofensiva com o dono do estabelecimento e com os moradores que residem nesses locais e tem suas casas ou lojas pixadas.

Nesses territórios conseguem formar identidade territorial, a partir dos símbolos deixados, porém adquirem traços de território mais “funcional” do que propriamente simbólico, como nos “santuários”, ou seja, o território é válido enquanto é apropriado, enquanto servir àquele grupo. Em nossa análise, o território não é apenas a realização espacial concreta, mas, antes de tudo, relações de poder, que se mostram nas disputas entre os grupos de pixadores.

Partindo dessa análise, consegui identificar no sentido de *point*, um tipo de territorialidade que pode ser considerada como Multiterritorialidade. Os *points* têm por características a apropriação do espaço público ou privado, e essa afirmação começa a ser percebida, quando a casa de show “vitrola” resolve ser desativada, com isso, foi necessária a migração para outros locais, que exibissem as características encontradas na rua das boninas, assim como ocorreu lá, se inicia uma corrida para encontrar os melhores locais em outras áreas da cidade, a apropriação de outros espaços físicos e a consequência

desse processo de migração que envolvia o fechamento do vitrola e a necessidade de encontrar outros locais, mais seguros.. As pixações nesses lugares, que preenchem e modificam as paisagens cada vez mais.

Na figura abaixo, nota-se a ação de alguns pixadores durante uma destas reuniões que ocorrera durante o dia, em uma praça no Centro de Campina Grande, a ação alterou a paisagem de modo um pouco semelhante ao que geralmente só conseguimos ver, nas chamadas “folhinhas do *point*” que são a união das siglas de pixo. Vale salientar que nessa ocasião, os pixadores saíram do território onde frequentavam no período noturno na intenção de conseguirem se apropriar de outros territórios, e isso foi ocorrendo em muitas outras áreas onde esses grupos se reuniam. A pixação aqui, ganha destaque como símbolo máximo para exemplificar uma territorialidade, pois a partir dela, os grupos começam a se familiarizar com o território.

Essas reuniões começaram a se estender não apenas em territórios que envolviam o Centro da cidade, mas também atrelando a instrumentos da cultura hip-hop¹⁵, como o rap e o grafite, e expandido para algumas comunidades mais afastadas. A figura abaixo exemplifica uma dessas reuniões cujo nome era “sopa de Letras”, realizado no Campo do Leão, no bairro do Monte Santo, zona norte da cidade e território de um líder de grupo de pixação atual. O local que aos domingos funciona como campo de futebol, abriu espaço para atuação de sujeitos diferentes que realizaram um “domingo de tinta”. Os pixadores se reuniram e escreveram seus símbolos das mais diversas cores, tamanhos e modelos, na presença das crianças da comunidade, como forma de se congratular, e divulgar sua cultura. O movimento ocupou o lugar durante todo o dia, de forma comunitária, compartilhando o espaço na construção de uma territorialidade que passou a envolver pessoas da comunidade trazendo a cultura da periferia através do grafite, dos bombs e das pixações além do Rap, com as batalhas de Mc’s que acontecem rotineiramente.

¹⁵ A cultura hip-hop abordada no primeiro capítulo, assim como na primeira nota de rodapé é uma identidade vinculada a movimentos da periferia e assumida pelo movimento dos pixadores. O rap faz sucesso entre os diversos grupos, as músicas sobre pixação embalam seus “roles”, retratando a realidade do gueto e por vezes se identificam.

FIGURA 12: PIXAÇÃO A LUZ DO DIA ÀS MARGENS DO AÇUDE VELHO



Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

FIGURA 13: "SOPA DE LETRAS" REALIZADA NO MONTE SANTO



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

A dinâmica dos points me fez refletir sobre as diferenciações em relação aos “santuários” utilizados pelos primeiros grupos de pixação., assim como sua importância e valor simbólico. A diferença perceptível está no valor do território concreto, haja vista que a valorização dada ao território era mais nítida, assim como seu valor afetivo, criando um geossimbolismo forte entre as ruínas e o grupo de pixação. Já os *points*, apesar de manterem o espírito da confraternização, da troca, do planejamento, da preocupação com a estética, e da demarcação, não vêm no território físico como algo que influencia sua

identidade. Preferem analisar as relações sociais dentro e fora desses ambientes. Os *points* não possuem local fixo, mas sim, acompanham os movimentos dos pixadores, portanto, trata-se de um território-rede. A preocupação em ocupar um espaço é meramente funcional, não afetiva. A afetividade fica por conta da reunião em si, da troca de conhecimento.

3. “PIXEI SEU MURO NA PARTE DE FORA, NA RUA QUE É NOSSA”

No capítulo anterior, consegui identificar e produzir um mapa de localização dos territórios dos três principais grupos de pixação no início dos anos 2000 e, conseqüentemente dos locais onde mais atuavam. Uma das propostas lançadas é a de tentar produzir um mapa mais atualizado, identificando os territórios dos grupos, assim como as áreas de atuação, através de relatos a partir da vivência com alguns desses pixadores. Nesse capítulo, apresentarei os conflitos urbanos existentes no movimento de pixação na cidade de Campina Grande, sejam o que ocorrem entre os pixadores e os pintores de propagandas, em muros, entre os pixadores e a população, entre os próprios pixadores e entre pixadores e um grupo de grafiteiros.

Tenho como proposta também para esse capítulo três (3), promover um debate sobre os alvos das *tags*, sejam eles muros, fachadas, etc., no intuito de tentar decifrar as incógnitas da pixação. Iniciaremos produzindo um debate sobre a diferenciação entre público e privado, na tentativa da compreensão do sentido de “territorialidade” dos pixadores, assim como os conflitos gerados a partir dela.

3.1. O que é público e o que é privado

O título do capítulo três pareceu bem sugestivo para tratarmos das territorialidades exercidas nos conflitos urbanos da pixação. O título do capítulo é um jargão no meio dos grupos, inclusive colocado em algumas músicas do movimento sobre pixação, que geralmente são RAP, um dos pilares do hip hop como abordamos no capítulo um, e nele percebo que está inserida uma problemática, que é no sentido do que é público, e do que é privado. O sentimento de pertença e de dominação é evidente na frase em questão, o que me remete a uma territorialidade marcada por conflitos (ou transterritorialidade), principalmente no que se trata de território público, expressado na palavra “rua” e como expressão de um território privado “seu muro”. Para tanto, procurei analisar as

divergências entre público e privado a partir de Richard Sennett (1988), em sua análise de Londres e Paris, do século XIX, e nas palavras do autor:

As primeiras ocorrências da palavra “Público” em inglês identificam o público como o bem comum na sociedade[...] Setenta anos mais tarde, havia-se acrescentado ao sentido de público aquilo que é manifesto e está aberto à observação geral[...]. “Público” significava aberto à observação de qualquer pessoa, enquanto “privado” significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos (SENNETT, 1943, p.30).

O autor em uma de suas definições aborda a exposição do chamado “público”, ligado à sociedade e tem como característica a exposição, ao mesmo tempo que aponta o “privado” mais reservado, ligado à instituição familiar. Mais à frente, acrescenta que “o público e a ideia de desgraça estavam intimamente ligadas” (p.39), onde se praticavam violações morais, logo, o “caos”, e onde existia a tolerância a essas práticas. Ao contrário do terreno privado, considerado um refúgio contra os terrores da sociedade, uma ideia brutal de isolamento.

Sobre esse isolamento, o autor relata a deflagração do narcisismo, fazendo com que as pessoas estejam mais preocupadas com as histórias das próprias vidas e das suas particularidades e isso se torna uma armadilha. Essa deflagração para o meio social, junto à modernização, urbanização e avanço do capitalismo, faz com que a sociedade se torne cada vez mais fechada em si mesma, individualizada, ou seja, cada vez mais o espaço público desaparece, ou morre, abrindo espaço para uma sociedade cada vez mais auto segregada, que em minha opinião leva a consequente sociedade construtora de paredes.

A visão intimista é impulsionada na proporção em que o domínio público é abandonado, por estar esvaziado. No mais físico dos níveis, o ambiente incita a pensar no domínio público como desprovido de sentido, é o que acontece com a organização do espaço urbano (Sennett, 1988, p.26).

Esse isolamento abordado por Sennett é o que faz da cidade individualizada, uma cidade individualista, e o que faz das ruas, locais apenas de passagem, sem a socialização necessária, um campo de individualidades apesar de vias “públicas”, onde a sociedade foge do desconhecido. A pixação como transgressora que é, como ferramenta de protesto, é uma alternativa que vai de encontro ao individualismo urbano apontado pelo autor, questionando pela transgressão o que é público e privado. Apesar de que a própria pixação em alguns momentos, estimula esse individualismo urbano, na medida em que disputa

espaços com outros grupos unicamente para expor suas *tags*, de maneira mais visível que as dos outros. O pixador é parte desse contexto, de contradições, de isolamentos e socializações. A violação é a motivação perfeita para os suburbanos que se apropriam dos territórios espalhados pela cidade, sejam eles públicos, ou privados. A invisibilidade das periferias e seus moradores, que é resultante do individualismo da cidade capitalista, para o pixador traz a oportunidade de visibilidade, e essa para ser alcançada, não possui limites, independentemente se o espaço é público ou privado.

3.2. A disputa territorial entre pixação e propagandas

As disputas territoriais e os conflitos ao longo do tempo em Campina Grande, muitas vezes ocorreram entre os próprios pixadores, em que o ideal era saber quem tinha mais *tags*, quem era melhor, e outros objetivos que tinham por finalidade o mérito individual. Vale lembrar que essas disputas eram mais frequentes, entre pixadores, e que durante muito tempo foi uma das características mais fortes do movimento na cidade.

Ao acompanhar as mudanças nas paisagens nas ruas, pude perceber que, outra forma de conflito também tomava conta do cenário da pixação, que era a disputa de territórios com propagandas de comércio e serviço de Campina Grande. Esse conflito foi bem evidenciado nas ruas da cidade, de um lado os pintores de propagandas que têm nesta atividade sua forma de trabalho, de outro, pixadores que encaram a pixação com a mesma seriedade dos pintores.

Em reuniões que compareci, foi colocado em pauta por alguns pixadores, que, em tons de desagrado e ódio, desaprovavam o papel dos pintores que geralmente estavam fazendo propagandas em locais onde existiam as pixações ou *bombs*. Argumentavam que era um desrespeito por parte dos pintores e planejavam “ataques” a essas propagandas, assim como às empresas que os contratavam, na intenção de mostrar o descontentamento com as atitudes deles. Na figura quatorze (14), o pixador começa a cobrir a propaganda na rua, onde existia antes, uma pixação do grupo do qual faz parte, mas foi “atropelada” pela propaganda.

Essa disputa ocorre por toda a cidade. De um lado, os pintores fazem suas propagandas em locais por vezes proibidos. Em muitas dessas produções, “passam por cima” das pixações e *bombs* ou *grapixos* no intuito de divulgar algum empreendimento, para isso, sem respeitar o que já tinha lá, escrevem por cima dos símbolos e letras. Do

outro lado do conflito, os pixadores, que veem em seus “rolês” uma parte vital deles mesmos, ao ponto de se sentirem magoados quando têm seus *tags* “queimados” ou “atropelados” pelos pintores. A alegação de um dos pixadores, nas reuniões, foi o fato de que o que está escrito na parede muito antes da propaganda já era importante por ter um valor sentimental, por ser algo único, pois para fazerem aquilo, tiveram que arriscar a vida, talvez “apanhar” da polícia, ou, até mesmo, serem presos, sem contar que reclamaram que para fazer um *tag*, além do perigo, tinham as despesas com tinta. Tudo isso constitui a revolta e sentimento de ódio dos pixadores para com os pintores de propagandas, permanentemente alimentada.

FIGURA 14: CONFLITOS ENTRE PROPAGANDAS E PIXAÇÃO NA AV. BRASÍLIA, CATOLÉ



Fonte: (Arquivo Pessoal, 2016).

Por se tratar de letreiros, as propagandas mesmo sendo realizadas ilegalmente aparentemente têm uma maior aceitação por parte da população quando comparadas à pixação. Acredito que isso tenha a ver um pouco com a estética e conteúdo das atividades, enquanto a primeira tem linguagem de fácil acesso e compreensão, a segunda traz características visualmente mais agressivas e enigmáticas, e porque não, incompreensíveis para os leigos. A pixação é frequentemente vinculada à criminalidade e a espaços abandonados. Já as propagandas, apesar de, por vezes, trazerem a idéia de

poluição visual, para alguns têm a função de informar, promover vendas, entre outros aspectos, além de, por força de sua finalidade, serem compreensíveis de imediato. Acredito que esses sejam alguns motivos que justificam a preferência dos cidadãos pelas propagandas.

As disputas por território tornaram-se acirradas na cidade, por vezes, até maior que as disputas entre os próprios pixadores. De um lado, pintores que realizam este trabalho como forma de divulgação de empresas privadas se apropriando de um território, muitas vezes escolhido a dedo pelos proprietários que contratam os serviços. Por outro lado, os pixadores que muitas vezes reivindicam o espaço público para exporem sua arte, seus discursos ou, simplesmente, exibirem seus símbolos. Essas disputas, as vezes estratégicas para ambas as partes, uma das partes espera um muro ser coberto, seja com propagandas ou pixações, , estar apagando as pixações. Para colocar as propagandas e usar como desculpas principalmente por parte dos pintores, que se aproveitam dos locais pixados, e ocorre uma espécie de “salvo-conduto” Foram evidenciados vários casos dessa disputa envolvendo as propagandas e as pixações e *bombs*, a figura quinze (15), mostra membros do grupo “Os negros PMO” cobrindo algumas dessas propagandas no bairro das Malvinas, na zona Oeste da cidade.

A transterritorialidade que é vivida nesse tipo de conflito é das mais perigosas, não tenho informações sobre a ocorrência de algum tipo de violência física entre ambos, porém ameaças, discursos de ódio e insultos são constantes nesse tipo de relação. Essa violência pode ser caracterizada por constantes perdas de território por parte dos pixadores.

O conflito com os pintores é, sobretudo resultado de territorialidades instáveis, e que a qualquer momento estas instabilidades podem se transformar em violências das formas mais variadas. A disputa é criada a partir da invasão do território alheio. Os pixadores tem suas *tags* cobertas por propagandas, e a consequência disso é a cobertura dessas propagandas por outras pixações ou *bombs*, uma forma de avisar que o território lhes pertence. A relação de poder aqui é exercida em um território funcional no qual se estabelecem usos que dizem respeito a sua dominação, mas também a sua apropriação, denotando um território de caráter muito mais simbólico. Segundo Lefebvre (1986 *apud* HAESBAERT, 2007) apropriação e dominação se diferenciam pelo uso:

O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempos e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é

funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam, tornando-o unifuncional, menos ele se presta a apropriação. Por que? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo, diverso e complexo. (Lefebvre, 1986 *apud* Haesbaert, 2007 p.21).

O autor se relacionando a apropriações, aponta como a temporalidade, ritmo e uma prática, aqui elencada como a pixação, que simboliza o território a partir da ação, esse território torna-se funcional, pois a afetividade existe enquanto serve de símbolo para o indivíduo, estando assim sujeito a outros tipos de apropriações.

FIGURA 15: COBRINDO AS PROPAGANDAS QUE ATROPELARAM UM 'ROLÊ' NAS MALVINAS



Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

O conflito com as propagandas tornou-se muito frequente nas ruas da cidade, a ponto de unir pixadores na tentativa de cobrir o maior número de propagandas possível. Tratando-se dessa união, vale salientar que, assim como existiram conflitos com os primeiros grupos de pixação da cidade, no período atual, continuam existindo esses conflitos, perceptíveis não nas dimensões daqueles citados anteriormente, como o caso do LPE x OPZ, mas o fato é que eles ainda existem, os quais abordarei a partir de agora.

3.3. Pixadores *versus* Pixadores, pixação *versus* grafite

Para tratarmos de conflitos urbanos entre os pixadores, consideremos um dos maiores que possivelmente existiram na cidade e que, vez ou outra, é trazido a memória dos que viveram esse período, assim como a dos que ainda participam desses grupos. O caso em questão é o conflito entre a LPE x OPZ, entre outras rivalidades, abordadas na obra de Duarte (2010),

O que para nós, até então, se resumia a uma disputa entre zonas da cidade, revelou nuança de conflitos externos ao grupo, mas indispensáveis a seu funcionamento interno. Essa rixa migrou das torcidas organizadas (TJG e TFJ) para o grupo de pixação LPE, e de grafite UZS, contraposto à OPZ, ampliando-se para as zonas sul e leste desta cidade (DUARTE, 2015. P.82-83).

As disputas dos grupos de pixação são comuns, já que se trata de apropriação territorial, assim como as torcidas organizadas elencadas acima pela a autora. “A disputa pelo poder, pelo ‘território’, pelo prestígio, traz a tona aspectos conflitivos no espaço social” (*Ibid.* p.84). Essas disputas me remetem a pensar nas transterritorialidades citadas nos capítulos 1 e 2, apontando-as como conflituosas, o que, de fato, geralmente são. Ocorrem diversas desavenças entre os pixadores, em uma relação de guerra e paz, conflitos e amizades, arrogância e lealdade.

A apropriação territorial feita pelos pixadores, segue características de hierarquia que se referem a quem faz os pixos nos “melhores” lugares, quem faz mais alto e quem assina em mais lugares, isto é, requisitos referentes à qualidade, altura e quantidade, que fazem com que os pixadores vivam em constantes disputas, sejam estas mais amistosas ou mais beligerantes. A concretização desses requisitos acaba atraindo um certo valor à marca do pixador no movimento. Como se trata de movimentos sociais, alguns sujeitos conseguem compreender essas disputas com tranquilidade, já outros, encaram pelo lado pessoal e isso acaba acarretando em atos de violência individuais ou, até mesmo, entre grupos.

Por muito tempo em Campina Grande, esses conflitos estimularam a pixação na cidade, o que levou a ocorrerem várias disputas entre grupos, tais como PMO x PCN, ainda PMO x PZO, um conflito ligado à zona oeste da cidade, nas Malvinas, território de dominação dos três grupos, entre outros conflitos envolvendo outros grupos, todos na zona oeste da cidade. Esses conflitos eram caracterizados principalmente com anulação da pixação do rival, ou seja, apagando-a ou sobrepondo-a, como mostra a figura 16.

A sobreposição de pixações e/ou a “queimação” do tag, no movimento significa alto grau de transgressão dos códigos dos pixadores. Uma afronta ao dono do *tag* riscado ou ao grupo, como abordado anteriormente. Essa sobreposição significa também a tomada de um território, ou até mesmo a reapropriação do que um pixador julga, ter sido espaço dele. Essa reapropriação é marcada por conflitos ideológicos, e via de regra, motivo de inimizades entre os pixadores. Tal atitude, considero como o símbolo do que indicamos anteriormente como transterritorialidade, pois ela demonstra na íntegra, o sentido de tomada a força, de atitudes violentas entre os pixadores.

FIGURA 16: PIXAÇÃO "OS NEGROS" SOBREPONDO OUTRAS PIXAÇÕES



Fonte: Arquivo pessoal do pixador “Cegos” (2014).

Pelas ruas, não é difícil encontrar exemplos como esse da figura acima, porém, no contexto atual, apesar de existirem ainda muitos exemplos de reapropriação, podemos dizer que os grupos se uniram um pouco mais, principalmente com os points atuais que trouxeram maior aproximação entre os grupos.

Na figura dezessete (17), consegui identificar que as letras do *tag* “ canibais” sobrepõe as letras de um *bomb*, mas o interessante, foi o pedido de desculpa feito pelo pixador, ao dono do *bomb*, como forma de se redimir, pelo “atropelo” de seu *tag*.

Existem algumas vertentes de conflitos quando se trata de pixador X pixador, como mostrado, elas se dividem em conflitos violentos, como no caso da LPE x OPZ, e outros de forma mais diplomática. Durante três anos acompanhando o movimento, pude perceber que a mentalidade dos sujeitos pixadores tem mudado, com relação a brigas entre eles, procurando sempre resolver os conflitos pelo diálogo, para isso se utilizam das redes sociais, demonstrando por estas redes seus descontentamentos. Porém, esses

conflitos são expostos quando alguém pixa seu *tag* mais alto do que o de outros. Permanece, portanto, ainda certa disputa entre os grupos.

FIGURA 17: PEDIDO DE DESCULPAS DOS CANIBAIS AO SKIL



Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

Outro conflito passível de ocorrer é o de pixadores *versus* grafiteiros. São raros, mas pude presenciar alguns desses conflitos que foram expostos em redes sociais exemplificados na figura 18.

FIGURA 18: GRAPIXO E GRAFITE OCUPANDO MESMO ESPAÇO. OS CONFLITOS NA REDE SOCIAL



Fonte: Arquivo Pessoal, 2016.

A Figura mostra um conflito entre o grupo OSPI (Os pixadores insanos) e o Grupo de Grafiteiros (NASA), em que o mesmo espaço, é pintado quatro (4) vezes durante uma semana. O território exposto passa por vários processos de reapropriação territorial, em que os indivíduos mediam forças para resolver quem conseguiria demarcar o território exposto, próximo ao terminal de integração, um muro pintado várias vezes, tanto por pixadores quanto grafiteiros, nenhum dos grupos quis ceder. Após confusão nas redes sociais, ficou acertado que nenhum dos grupos utilizaria aquele local para produção, então o muro foi pintado de branco. Não impedindo mais tarde que outros grupos se apropriassem do muro. Outros conflitos de pixadores e grafiteiros são demonstrados na cidade, a grande maioria devido aos espaços de pixação que são cobertos por grafites, da mesma forma que ocorre com os pintores de propagandas.

3.4. A pixação e suas áreas de atuação

Chegando ao último tópico do capítulo três, abordarei sobre as áreas de atuação de pixadores no município de Campina Grande. Não trarei todas as informações dos grupos, mas sim daqueles que julgamos serem os principais grupos atuantes, principalmente no que diz respeito ao tempo de existência dos grupos, assim como a atuação na cidade. Vale salientar que, por toda a cidade, a pixação se faz presente, em alguns locais, de forma mais lenta, em outros em grande quantidade, sendo Consequência, pelo o que já vinha explicando anteriormente, das territorialidades exercidas, da aquisição de certas localidades como “lugar” e por muitos desses locais serem locais públicos, e de passagem. A proposta aqui é explicar os motivos pelos quais eles selecionam os lugares de atuação, assim como tentar mapear essas áreas para melhor compreensão. Logo de início, abordo um trecho da perspectiva de Caos sobre os locais de atuação selecionados por ele e seu grupo.

*Na nossa visão, se uma cidade desse tamanho não tem grupo de pixação, vamos morrer pixando nosso bairro, temos lembranças que até nos anos 1990 vários se destacaram nos seus protestos porque nós andávamos pelo centro quando mais novos e víamos muito, a população iria ver mais, a poluição saberia que existe uma sigla, um grupo, **estão colocando nomes, eles querem algo, querem dizer algo, querem passar algo, e no centro isso era mais rápido**, digamos que 50 Tags no bairro não tem o efeito que 5 no centro, porque gerava o olhar curioso do repórter que estava indo trabalhar, do carteiro, do banqueiro, da própria polícia, do cara da prefeitura. **Gerava o interesse de o porquê que algo tão forte no bairro (periferia) começa a migrar***

para o centro e começa a se organizar. Não era bem obsessão, acredito que tenha sido bem natural, a maioria das coisas se concentrava no centro (Caos, novembro, 2016).

O pixador, relatou que os primeiros grupos de pixação dos quais fez parte em 1990 tinham suas localidades, seu bairro, em que atuavam, e por achar que a cidade tinha grandes dimensões, permitiram-se encontrar outros locais para que pudessem exercer suas atividades. No depoimento de Caos, consegui perceber dois fatores geográficos importantes a serem abordados nesse tópico, que permitirá prosseguir com a pesquisa. O primeiro diz respeito a relatos da “pixação como uma força na periferia e a sua migração para o Centro” e o segundo diz respeito ao “Centro” como espaço de fácil divulgação. Essas informações me fizeram refletir sobre a territorialidade exercida por alguns grupos da cidade e serão abordados em linhas gerais, tais características.

A priori, tratando dessa territorialidade, bairro ao centro, é perceptível nos trechos das entrevistas a seguir, tanto em relatos do Caos, como do Som, a questão do bairrismo e a pixação estarem juntos, como características iniciais de qualquer grupo, algo forte, como se a identidade de cada grupo fosse seu local de origem:

Se você representa tal quebrada, você representa seu pixo e bota a sigla da sua gang, seu grupo e você não pode fazer seu grupo e fazer outro grupo rival tá ligado? Tem que representar sua quebrada. Quando você representa esse grupo que chamamos de grife, você representa sua família tá ligado?(Som, Dezembro 2016).

Som, relatou que a representação do grupo é importante ao ponto de chamar de família, a frase “representar tal quebrada” faz alusão a ideia de divulgar, participar, colaborar com o grupo do bairro. Geralmente de moradores do próprio, como reafirma Caos:

Acho que para mim tem essa coisa, de primeiro representar a comunidade, afinidade humana gera isso, o social, a convivência. Segundo a questão de demarcação, que é uma palavra complicada, por achar que existe mais uma questão de afinidade e não algo ‘gangster’ de recrutamento, mas sim, porque estão de afinidade, se junta 10 jovens de uma comunidade, aquela ali é a galera da comunidade. De pessoas que vivem sua realidade, e essa realidade reflete na parte urbana, na cultura de rua e a sigla na pixação” (Caos, dezembro, 2016).

Caos relatando sobre a pixação de sua época, revela algo a ser pensado, sobre a pixação, a territorialidade exercida por ela. O entrevistado defende a mesma ideia de Som, e também pelo o que é perceptível no movimento, que é o bairrismo, por parte dos pixadores. O bairro, (como abordado no capítulo 2, quando falava sobre as relações entre

santuários e o bairrismo de alguns grupos) é considerado o lugar, por cada grupo. O lugar de início, as primeiras letras, os primeiros amigos, o primeiro grupo, geralmente são relacionados ao bairro de origem, e muitas vezes esses bairrismos são transmitidos para as paredes a partir das siglas, ela, nas entrelinhas, por vezes tem em seus significados, os locais de origem de cada grupo.

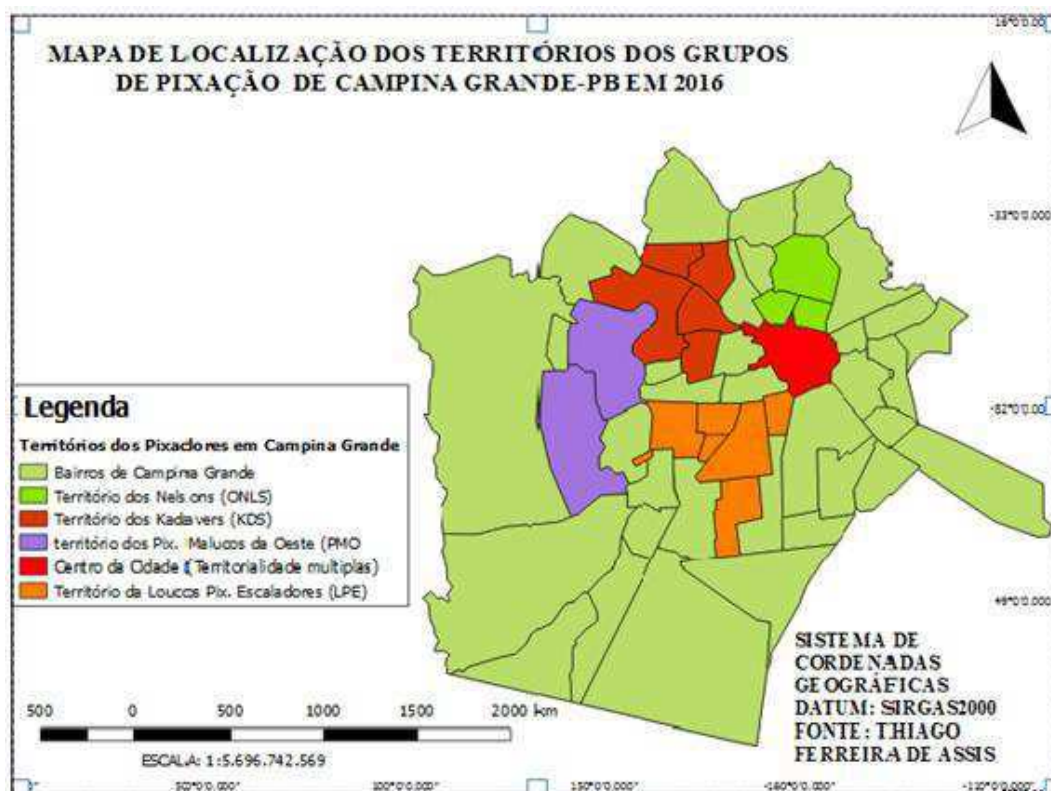
Partindo dessa territorialidade exercida pela pixação, entre bairro de fundação dos grupos e posteriormente o centro da cidade como alvo para a prática, tomei a liberdade enquanto pesquisador, de tentar mapear a territorialidade exercida por alguns dos principais grupos em atividade durante o período da pesquisa, que se estendeu do ano de dois mil e quatorze (2014) à dois mil e dezessete (2017).

Entre os grupos selecionei a dedo, estão a PMO que tem o bairro das Malvinas como lugar de origem com mais de 10 anos desde a sua fundação, por se tratar de bairros mais afastado do centro, nota-se no segundo mapa de localização dos territórios dos grupos de pixação de Campina Grande, em 2016, as características bairristas exercidas por esse grupo, apesar de ter forte atuação no Centro. A ONLS (Os Nelsons), das escolhidas é o grupo mais recente, do bairro da Conceição, pude notar uma presença maciça dos seus símbolos no centro da cidade, o alvo preferencial deles. Como visto no Mapa, a localização geográfica influencia em suas aparições no centro. A LPE (Loucos Pixadores Escaladores), um dos mais antigos grupos existentes, levando em consideração o mapa 1 (apresentado no capítulo 2) perdeu territórios, o motivo foi a desativação do grupo por alguns anos, fazendo com que seus símbolos fossem apagados durante o tempo, voltaram no ano de 2016, já sendo possível notar uma territorialidade pouco consolidada exercida sobre alguns bairros.

Os KDS (Kadaveres) com grande atuação no bairro do Monte Santo, onde foi criado, é um grupo que tem grande influência na pixação de caráter agressivo no Centro da cidade. Um grupo formado por *Punks* e Roqueiros, as vertentes das pixações deles são questionamentos políticos, lutas sociais e contra os preconceitos.

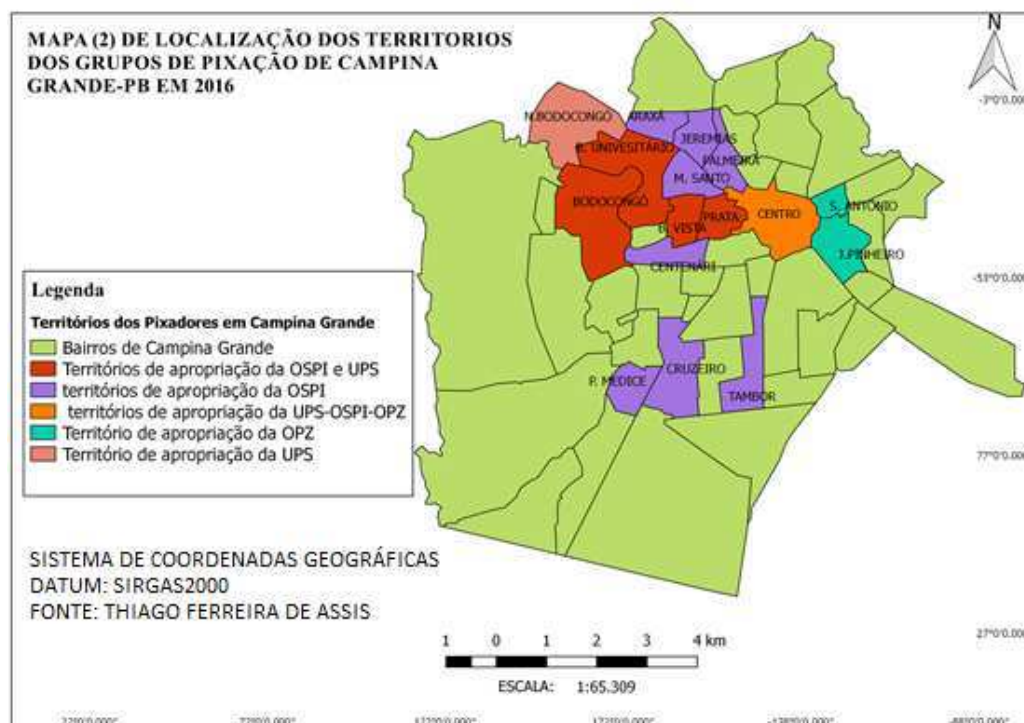
Os grupos selecionados para o mapa 1, têm uma característica em comum, como abordei anteriormente, e também corroborando, até certo ponto, com o que o pixador Caos relata, sobre a ideia de ser o Centro da cidade, local ideal para as pixações. Observe que existem os territórios específicos, porém todos eles exercem sua territorialidade no Centro, conforme apresentado no mapa 2, a seguir.

MAPA 2: LOCALIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DOS GRUPOS DE PIXAÇÃO DE CAMPINA GRANDE, EM 2016



O grupo OSPI (Os Pixadores Insanos) que tem o bairro do Monte Santo, como lugar de suas origens, é famoso na cidade, principalmente pelos meios de comunicação, sendo responsáveis, por exemplo, da pixação inserida no cartão Postal da cidade, Os Tropeiros da Borborema, entre outras façanhas, no início tinha a sigla OPI, alterada com o passar do tempo, o grupo UPS (Os Psicopatas), tem sua fundação no bairro de Bodocongó, na verdade, agem geralmente em conjunto com a OSPI por esses motivos exercem quase q a mesma territorialidade e a OPZ (Organização de Pixadores do Zepa), seu lugar de origem era o José Pinheiro são outros que, em 2016, ganham espaço na cidade após alguns longos anos inativos. O mapa três (3) de localização mostra essa territorialidade decorrente de cada grupo, é possível notar que os Grupos UPS e OSPI, compartilham de mesmos territórios além do próprio centro compartilhado entre os três grupos.

MAPA 3: LOCALIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DOS GRUPOS DE PIXAÇÃO DE CAMPINA GRANDE, EM 2016



Analisando a territorialidade exercida pelos grupos apontados no estudo, foi possível mapear os territórios de atuação desses grupos, para isso, utilizei de informações dos membros de cada grupo, sobre as origens e áreas de atuação. As pixações encontradas nos diversos bairros ajudou a corroborar os dados coletados antes de ir ao Campo. Como julgamento principal para definição dos territórios, foi a quantidade de pixações encontradas, porém vale salientar que, muitas dessas foram encontradas em ruas específicas do bairro, principalmente em ruas comerciais, e Avenidas importantes que ligam os bairros ao Centro, evidentemente não anulando algumas que eram localizadas em locais de pouco tráfego automobilístico ou de pedestres.

É possível identificar no mapa que a territorialidade exercida pelos grupos de pixação segue a linha de raciocínio explicada por Caos e Som, nas respectivas entrevistas, quando relatam a importância do bairro, a importância de valorizar o que é criado nele, muitas vezes bairros periféricos, de onde são originadas as práticas da pixação, e a própria como forma de apropriação do espaço pelo grupo, como forma inicial de divulgar seus *tags*, defender seu território.

Ainda na leitura do mapa, é possível identificar que todos os grupos pesquisados têm como territorialidade em comum, o Centro da cidade. Na pesquisa de campo, consegui perceber que são raros os grupos da cidade que não tentam exercer essa territorialidade nas áreas centrais e históricas da cidade. Questionado sobre essa migração da periferia para o centro, Caos foi cirúrgico ao relatar:

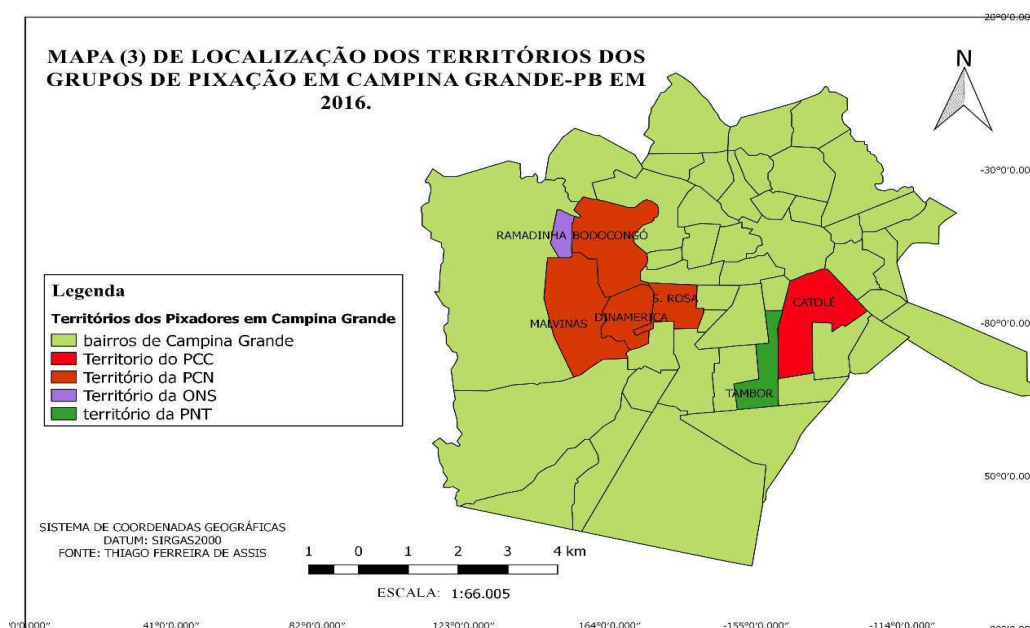
Digamos que 50 tags no bairro não tem o efeito que 5 no Centro, porque gerava o olhar curioso do repórter que estava indo trabalhar, do carteiro, do banqueiro, da própria polícia, do cara da prefeitura. Gerava o interesse de o porquê que algo tão forte no bairro (periferia) começa a migrar para o centro e começa a se organizar. Não era bem obsessão, acredito que tenha sido bem natural, a maioria das coisas se concentrava no Centro (Caos, novembro, 2016).

Como colocado por Caos, o Centro para os pixadores, é importante pela visibilidade, é o espaço onde tudo, na cidade, se encontra: o comercial, o social, o político, o público e o privado, e nele é uma forma de reivindicar, ou chamar atenção para algum propósito de forma rápida, por vezes agressiva, e de efeito. A pixação aqui relatada por Caos, diz respeito não só a produzida para satisfazer o ego, mas, também a pixação que incomoda o público, o privado, pixações muitas vezes de cunho político social, pixações que buscam agredir o Estado nesse “inimigo” a agressão é produzida a partir da transgressão, das frases de ódio, de ordem, justiça. Essas são as pixações de efeito que Caos relata. A territorialidade exercida no Centro é dinâmica, e assim como relatado nos capítulos anteriores, é produzida em forma de símbolos (siglas ou *Tags*) nos quais só os membros do grupo e praticantes conseguem decifrar. A paisagem é transformada quase que rotineiramente, os símbolos fazem com que criem significados dos mais diversos, tais como sentimentos de pertença, territorialidades, desafios, protestos entre outras. É uma característica própria da pixação, promover as disputas, sejam elas de forma diplomática ou não. Essas disputas abordadas desde o início, são uma das melhores motivações para os pixadores.

Como abordado desde o início do tópico, a intenção era a tentativa de mapear áreas de atuação de determinados grupos, de pixadores na cidade de Campina Grande, vale salientar que na análise, consideramos alguns grupos em que a territorialidade, segue um mesmo padrão, suas territorialidades se iniciam nos bairros de origem, e seguem algumas trajetórias no sentido Centro da cidade, locais por eles apontados como ideais para a prática, pelo quesito localização e efeito imediato do que era proposto, sejam

críticas, protestos, autopromoção etc.. Porém, a regra não se aplica a todos os grupos, existem grupos que preferem exercer a prática apenas nos próprios bairros, e nos bairros vizinhos, essas particularidades conseguimos encontrar em grupos como, PNT (pixadores Noturnos do Tambor), PCN (Primeiro Comando Noturno), NOS (os Nativos) e grupos de torcida Organizada e pixação como no caso, o PCC (Primeiro Comando do Catolé) que exercem as territorialidades de forma específica, em seus próprios bairros.

MAPA 04: LOCALIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DOS GRUPOS DE PIXAÇÃO DE CAMPINA GRANDE, EM 2016



A pesquisa realizada levou em consideração a história dos grupos assim como relatos dos pixadores, além da análise espacial sobre a cidade. Não foi possível identificar todos os grupos atuais existentes, e nem colocar todas as informações de áreas de atuação dos grupos, apenas o que me foi permitido abordar. Por se tratar de uma atividade ilícita, os grupos se preservam, temendo represálias. Por esses motivos, a intenção foi expor a atividade, abordando seus recursos geograficamente, sem prejudicar o funcionamento. Acredito ter conseguido expor de forma coerente, seguindo o caráter da pesquisa e respeitando a ética, como pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim da pesquisa, consegui responder algumas dúvidas que tinha sobre o movimento de pixação na cidade, principalmente, no que diz respeito aos reais motivos da prática, a paixão que os praticantes têm por ela, assim como a indignação social dos mesmos. Geograficamente falando, trata-se de uma prática que envolve as relações sociais com o espaço urbano, consequência dos problemas sociais, surgida nas periferias e se tornando prática comum em várias cidades.

Não necessariamente todos os sujeitos empreendem uma luta política organizada para aceitação das individualidades suas e daqueles que se identificam, no entanto, mesmo em termos de vida privada, a negação sobre qualquer ação repressiva, discriminatória e preconceituosa para consigo e para com a liberdade de sua expressão, representa também a luta pelo reconhecimento social (PIRES *et al*, 2016, p.14).

Acredito que se trata de uma “luta” por eles travada, não contra a população e as problemáticas que a insere nesse contexto social, não contra as empresas privadas, as quais eles criticam as posturas adotadas, a manipulação do capital, as práticas medievais, etc., mas sim, o que por eles é tratado como “força maior”, o Estado. Chamado de “força maior”, por atribuírem a ele o sofrimento da periferia, a fome, o desemprego, a violência policial entre outras coisas e por isso, o consideram o inimigo maior. A meu ver, para alguns deles, uma luta válida, em interesse dos seus ideais, porém, aos olhos da sociedade, uma prática vista como vandalismo, depredação, arruaça. Para o Estado, uma atividade a ser combatida (atualmente a atual gestão da prefeitura de São Paulo tem encampado uma verdadeira “guerra” aos pixadores, veiculada nos principais meios de comunicação). Nos trâmites legais, verifica-se que a criação de leis anti-pixação vêm sendo comuns em muitos Estados da Federação, uma disputa travada sobre a qual só o tempo dirá se haverá vencedor. O fato é que existe uma resistência periférica: “o sujeito marginal tende a construir-se perante a construção de territórios marginais” (*Ibid.* p.15). Neste sentido, esta construção leva a uma organização política e solidária, etc., que em outras palavras significa resistência.

De modo complementar, analisando a prática da pixação como ferramenta social, percebo quão rica de informações geográficas ela é. Foi gratificante compreender os processos de apropriações territoriais existentes e tentar decifrar e explicar como

acontecem e conseqüentemente defini-las. A geografia me propiciou analisar desde os territórios mais hostis, redutos do crime organizado, em algumas localidades da cidade, procurando compreender os processos territoriais, os conflitos existentes, entender a prática realizada por cada grupo pesquisado. Também me permitiu a análise dos territórios mais repletos de simbolismos e afetos, os *points*, espaço de caráter social, de união dos pixadores. Locais que proporcionaram várias ideias, lugares ricos de informações, mas escassos de pesquisadores.

A pixação tem várias vertentes a serem estudadas. Como uma prática, é exercida por pessoas comuns que tem muito a oferecer no que se refere ao conhecimento do espaço urbano e da cidade em si. Portanto, entender os motivos e efeitos de tal prática para a sociedade é necessário. Como ferramenta política, precisamos compreender a que ponto a pixação pode influenciar a sociedade. Mas antes de tudo a pixação é geografia, é demarcação territorial, é conflito, é disputa. É relação espaço-sociedade. Faz parte da urbanização, pois já é frequente nas paisagens da cidade, modificando-as e dando-as novos sentidos e diferentes funcionalidades para os diversos grupos sociais.

Fascinante para mim foi conhecer alguns pixadores, e com eles, perceber, compreender e compartilhar suas visões de mundo, a forma como veem as paisagens, o sentido dado a elas. Quem conhece e compreende o que está escrito em cada símbolo, não consegue passar por elas e não tentar decifrá-las ou entender como os pixadores chegaram até o local e os marcaram. A cartografia da cidade, após a leitura e produção da pesquisa, para mim, com certeza, não é mais a mesma. Através dela pude conhecer alguns bairros e localidades na cidade, assim como entender a dinâmica deles, seja os perigos da noite ou a funcionalidade diurna desses locais.

A pesquisa poderá ir adiante, existem muitos questionamentos, detalhes a serem explicados, territorialidades ainda mais complexas a serem decifradas. Acredito ter chegado nos meus objetivos, apesar de ainda acreditar que existe muito mais a ser abordado, debatido e explicitado para o mundo.

REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**. Vol.19, n.53, 2005, p. 71-86.

BONNEMAISON, J. **Viagem em Torno do Território**. In: Corrêa, R e Rosendahl, Z. (orgs.) *Geografia Cultural: Um Século* (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CORDEIRO, Denise Maria Antunes. **DE PRECARIIDADES, EM TERRITÓRIOS. "JUVENTUDE NAS SOMBRAS: ESCOLA, TRABALHO E MORADIA**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Niteroi, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDuRJ, 1998. P.7-10. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/128051432/CORREA-Roberto-Lobato-ROSENDAHL-Zeny-Apresentando-Leitura-sobre-Paisagem-Tempo-e-Cultura>>. Acesso em Dezembro de 2015.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: **Paisagem, Tempo e Cultura**. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. Disponível em: <http://documents.tips/documents/denis-cosgrove-a-geografia-esta-em-toda-parte.html>. Acesso em dezembro, 2016.

COSTA, B. P. Geografia Cultural e Lutas de Reconhecimento Social: Sentos Territoriais e não-territoriais. In: PIRES, C. L. Z.; HEIDRICH, A. L. COSTA, B. P. **Plurilocalidade dos Sujeito: Representações e ações no território**. Porto Alegre: COMPASSO Lugar-Cultura, 2016.

DUARTE, Angelina Maria Luna Tavares. **A sociedade “Secreta” de Pichadores/as e grafiteiros/as em Campina Grande-PB**. : 2010.230f. Tese (doutorado em Sociologia)- Universidade Federal da Paraíba, ,2010.

GARCIA, R. M. P. **A espacialidade do turismo: representações e geossímbolos**. Vitória: VII Congresso Brasileiro de geógrafos, 2014.

GITAHY, Celso. **O que é Graffiti?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

GOETTER, J.D. MONDARDO, M.L. **O “BRASIL MIGRANTE”:** GENTES, LUGARES E TRANSTERRITORIALIDADES. Niterói: GEOgraphia, 2009.

HAESBAERT, Rogerio. **Território e Multiterritorialidade: Um Debate**. Rio de Janeiro: GEOgraphia-No 17 – 2007.

HAESBAERT, Rogerio. **Territórios Alternativos**. São Paulo: 2Ed. Contexto, 2006.

HOLZER, Werther. O LUGAR NA GEOGRAFIA HUMANISTA. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 67-78. jul./dez. 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. Cidades. 2010. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250400>
Acesso em 25 de Agosto, 2017.

MACIEL, Caio. Espaços públicos e geo-simbolismos na “cidade-estuário”: rios, pontes e paisagens do Recife. **Revista de Geografia**. Recife, 2008.

MOTTA, Anita; BALBINO, Jéssica. **HIP HOP: A cultura Marginal**. Independente. Curitiba, 2006.

MOURA, Thiago Santa Rosa de. **Pixadores, grafiteiros e suas territorialidades: apropriações socioespaciais na cidade do Recife**. Recife: Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

OLIVEIRA, Denílson Araújo de. **Territorialidade no mundo globalizado: Outras leituras da cidade a partir da cultura hip-hop na metrópole carioca**. Niterói: Dissertação de mestrado pela Universidade Federal Carioca., 2006.

OLIVEIRA, Júlio César Mélo de. **Campina Grande: A cidade se consolida no século xx**. João Pessoa: Monografia (Graduação em Geografia) Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências. Universidade Federal da Paraíba., 2007.

PAIXÃO, Sandro José Cajé da. **O meio é a Paisagem: Pixação e grafite como intervenções em São Paulo**. Dissertação (Mestrado – Programa de pós-graduação Interunidades em estética e história de Arte). São Paulo, 2011.

PARELLADA, C.I. **Arte Rupestre no Paraná, revista científica/ Fap**, Curitiba, v.4, n.1, p.1-25, jan. /jun. 2009.

PENACHIN, D. **Subterrâneos e Superfícies da Arte Urbana: uma imersão no universo de graffiti e da pixação na cidade de São Paulo**. Belo Horizonte: Tese de Doutorado: UFMG, , 2012.

PEREIRA, William Eufrazio Nunes. Origem da urbanização de um entreposto comercial nordestino: o caso de Campina Grande. **Revista TOMO**, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Rildo Ferreira dos. PESQUISA PARTICIPANTE: O que é como se faz. Baixada Carioca 2012. Pesquisado em : <https://baixadacarioca.wordpress.com/2012/03/19/pesquisa-participante-o-que-e-como-se-faz/> acesso em 25 de agosto, 2017..

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as Tirantias da Intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVEIRA, N.E. **Superfícies alteradas: uma categoria dos grafites da cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado, instituto de filosofia e ciências humanas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1991.

SOARES, Thiago Nunes: **Vigiar e Punir: As pichações na luta pelo crepúsculo do estado de exceção no Brasil**. Disponível em: <[http://encontrodevista.com.br/artigos/VIGIAR E PUNIR AS PICHAÇÕES NA LUTA PELO CREPUSCULO DO ESTADO.pdf](http://encontrodevista.com.br/artigos/VIGIAR_E_PUNIR_AS_PICHAÇÕES_NA_LUTA_PEL_O_CREPUSCULO_DO_ESTADO.pdf)>. Acesso em dezembro de 2015.

SOUZA M. L. **O Território**: sobre espaço e poder autonomia e desenvolvimento. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I, E, de. GOMES, P, C, C. CORRÊA, R, L. (Org.). **Geografia Conceitos e Temas**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

TANGERINO, Davi de Palva Costa. **Crime e Cidade: Violência Urbana e a Escola de Chicago**. Editora Lumen Juris: Rio de Janeiro, 2007.

TUAM, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Difel, 1983.

TURRA NETO, Nécio. Movimento hip-hop do mundo ao lugar: difusão e Territorialização. **Revista de Geografia** - número especial. V. 1, 2013, p.1-11.

ANEXOS

MODELO DE ENTREVISTA

Quando você começou?

Quais os motivos que levaram você a ser um pichador?

O que motivou você a continuar a fazer até os dias de hoje?

Teve contato com esses outros grupos?

Qual o seu motivo pra pixar?

Falando em disputa, existem regras, normas critérios a serem seguidos pelos pichadores?

Como funciona esse sistema?

Você falou sobre a existência de outros grupos, quem são e qual a relação a ideologia entre eles?

Você que pegou as primeiras gerações e as atuais? O que você acha que mudou e o que permaneceu de lá para cá?

Como são os contatos que estabelece?

Você falou em points, o que são? Como funcionam?

Esses points sempre existiram?

Para você qual o símbolo Máximo da pixação? E qual o sentido de pegar um spray

LISTA ALEATÓRIA DE SIGLAS ENCONTRADAS DURANTE A PESQUISA

ADV – AÇÃO DIRETA VANDAL

ASN – ASSASSINOS

ATCB – ATCK BOMB CREW

PZS – PIXADORES ZONAL SUL

UPS – UZ PSICOPATAS

UBL – UNIÃO BABILÔNIA

OSPI – OS PIXADORES INSANOS

PNI – PIXADORES NOURNOS DA INVASÃO

PNT – PIXADORES NOTURNOS DO TAMBOR

OPZ – ORGANIZAÇÃO DE PIXADORES DO ZEPA

LPE – LOUCOS PIXADORES ESCALADORES

PMO – PIXADORES MALUCOS DA OESTE

NGS – OS NEGROS

INS – INSANOS

MVS – MALVINOS

UPO – UZ PERTUBADOS CREW

VZS – VIZINHOS CREW

VNP – VANDALISMO NA PAREDE

MMS – MAMONAS

OVS – ORIGINAL VANDALISMO SUBURBANO / JP

ZOP – ZONA OESTE PIXO

+F – OS MAIS FORTES / SP

RGS – OS REGISTRADOS / SP

RDK – RATOS DO KANAL

PZO – PIXADORES ZONA OESTE

BDA – BONDE DO ALEMÃO

PCN – PRIMEIRO COMANDO NOTURNO

CBS – CANIBAIS

ATRS – ARTEIRAS / NE

SLZO – STILO LIVRE ZONA OESTE

CV – COMANDO VERMELHO

PCC – PRIMEIRO COMANDO DO CATOLÉ

OKD - OKAIDA

ZNH - ???

CG – CAMPINA GANG

083 – PREFIXO PARAIBA

PRDS - PROCURADOS

KDS - KDAVERES

OCBS - OS COBRAS

PSI – PIXADORES SEM IDENTIDADE

ONS - OS NATIVOS

ONLS – OS NELSONS

ATF – ATIVIDDE FEMININA

CTOQ - ???

AVS - ???

MNKS - MANIAKOS

RCP – ROSA CRUZ PELOURINHO